

Revista MATTO-GROSSO

DE SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E VARIEDADES

Premio conferido



Annos atraz, na Europa, os lavradores cansados pelo resultado desfavoravel dos antigos processos de agricultura que causavam o depauperamento das terras sem devidamente compensar a seiva que della se extrahia, levantavam a voz de alarma em que ia a vida dos povos.

Esse lamento profundamente angustioso que precedia os passos da miseria, feria o coração de todos aquelles que pelo povo nutriam, senão a caridade, ao menos o altruismo tão gabado do nosso tempo.

Os cientistas abandonando o silencio dos gabinetes, dirigiram seus experimentos para a terra: investigações ponderadas, observações attentas, trouxeram com o auxilio das forças que a industria arregimentou nos elementos de que dispõe a natureza, esse sustentaculo poderoso para a existencia das nações—a agricultura moderna.

Hoje, desertos arenosos, serros escalvados, terreno o mais safaro

que seja, greta-se aos gomos dos rebentos novos, viceja, produz.

Ha pouco, nas margens do Parahyba um extenso campo de sapé foi transformado em fecundo arrozal, pelos trabalhos de benemeritos religiosos que introduziram em nossa patria a cultura japoneza deste producto, do que esperam auferir n'este anno a consideravel colheita de 50.000 alqueires de arroz.

Matto-Grosso tambem não pode permanecer inactivo ante o custeio elevado do alimento; e considerando as difficuldades com que os nossos lavradores veem-se a braços para conduzir aos mercados o escasso producto de alguns alqueires conseguidos pelo modo rotineiro e prejudicial, na pessoa dos seus governantes, quiz dar um impulso benefico, um auxilio, para fazer surgir uma nova phase para o Estado, cujo progresso, se estriba na agricultura como em base solida. Foi estabelecido pela Camara Municipal, o premio de 2:000\$000 ao lavrador que no prazo de 2 annos apresentasse 4 Hectts. de terreno cultivado com aparelhos modernos.

A missão salesiana que marcha

de par com o progresso, concorreu para a realização do fim altamente louvável da Camara Municipal, sendo coroada pelo exito com que se houve.

Eis a integra dos officios communicados entre ella e o então intendente da Camara. Sr. Julio Müller.

«Cuiabá, 28 de Novembro de 1908.

Ex. Srr. Intendente da Camara Municipal.

«A Commissão abaixo assignada, para dar cumprimento ao disposto no vosso Officio n. 49 de 17 do corrente mez, dirigiu-se no dia 26 corr. mez á Escola Agricola "S. Antonio" no Coxipó da Ponte, para verificar de visu os trabalhos executados nessa chacara pela Missão Salesiana.

Vimos com satisfação que a escola "S. Antonio" é um bom campo de demonstração da transformação, hoje necessaria, dos methodos de trabalho na lavoura. A foice e a enxada, com as desastrosas queimadas, devem ser substituídos pelo arado, o pilão e mesmo o monjolo, por outrosapparelhos incomparavelmente melhores, que nos fornece a industria dos paizes adiantados.

Com a sua foice e sua enxada, o pobre lavrador actualmente tira difficilmente da terra a sua escassa subsistencia. Devemos aproveitar a força do boi, do burro e do cavallo para revolver a terra, e fazê-la produzir mais, e com mais facilidade do que se obtém com a foice e as queimadas. Graças ao arado, mais das tres quartas partes dos terrenos, que estão ao redor d'esta cidade, conservão-se *balidos*, porque tão pouco produzem que não compensão o trabalho, tornar-se-hião muito menos ingratos, e darião colheitas remuneradoras.

Na escola Salesiana de Coxipó esses trabalhos de transformação do trabalho agricola, foram executados com bastante intelligencia; 5 Hecta-

res e meio foram beneficiados pelo *arado de disco reversivel*, sob a direcção de um agronomo salesiano.

O terreno da chacara não é seguramente dos melhores, pois é um areal de margem de Rio, misturado com um pouco de argila, e uma leve camada de terra preta, humus depositado durante muitos annos pela rchitica vegetação do lugar; em semelhante terreno o lavrador de foice e enxada viveria na miséria. A cal e o phosphoro seguramente fazem falta n'esse terreno.

A área até o presente cultivada forma um trapezio, dividido em quadrados e triangulos, com os lados na direcção de N. S. E. W., separados por entradas bem preparadas, com a mesma direcção N. S. para auxilliar os serviços e transportes. A descripção detalhada, e a planta, apresentadas por um encarregado, á Commissão, e que aqui juntamos, fazem conhecer os pormenores dos trabalhos. Vê-se que as plantações por ora consistão de *Milho*, (3 Hectares) *Arroz* (1/2 Hectare), *Mandioca*, (1 Hectare e 16), *Feijão*, (1/4 de Hectare). Ha pequenas plantações de alfafa e aveia. No meio do milho está plantada canna (1 Hectare). Ha um viveiro fechado (1250 m² para preparar mudas de diversos vegetaes, ha um capinzal sobre terreno arado..... (1680 m².)

Chama sobre tudo a attenção uma plantação de milho, feita a 28 de Setembro sobre terreno arado, ao lado de outra sobre terreno da mesma qualidade, e quasi da mesma data, não arado. O milho do terreno arado têm 3.^m 50, e alguns pés ainda mais com um viço admiravel, no entanto que o milho do terreno não arado têm apenas 0.^m 60, e apresenta uma cor amarelada que denuncia a pobreza do terreno.

Oxalá fossem esses trabalhos visitados pelas pessoas que se interessam pela lavoura do Estado. Por elles vêr-se-hia que quando se quer, é possível triunfar da rotina, vêr-se-hia que para restabelecer a fartura no paiz, é preciso adoptar, na medida do possível, methodos racionais de cultura, como já fez a Missão Salesiana; vêr-se-hia que as roçadas e queimadas são inseparaveis da miseria; que o unico meio de substituir o braço escravo, condemnado pela humanidade é a adopção do arado, puxado por animaes ou outros motores, para executar os pesados trabalhos da lavoura.

A Comissão é de parecer que a Missão Salesiana fez plenamente jus a obtenção do premio creado pela resolução N. 17 da Camara Municipal da Capital»

Pedro Alexandrino Curvo

João Pedro Gardés

«Intendencia Municipal de Cuyabá, 30 de Novembro de 1908.

Exm. e Rm. Sr. Padre Manoel Gomes de Oliveira, M. D. Director

do Lyceu S. Gonçalo e Representante da Missão Salesiana neste Estado.

«Tendo a Comissão por mim nomeada e composta dos Cidadãos Dr. João Pedro Gardés e Pedro Alexandrino Curvo, procedido ao exame dos terrenos cultivados na Escola Agricola de Santo Antonio do Coxipó, conforme os mais modernos processos aratorios, apresentou um relatorio minucioso do exame feito, julgando os trabalhos de conformidade com as exigencias da Resolução N. 17 da Camara Municipal, e por isso dignos do premio offerecido. Venho, portanto, ter a honra de apresentar a V. Rm. e a toda Missão Salesiana as minhas felicitações pelo optimo resultado que obtiveram em beneficio da Agricultura do Municipio, e convidando para mandar receber o respectivo premio de dois contos de reis 2:000\$000.

Reitero os meus protestos de respeitosa estima e consideração.

Cordias Saudações.»

Julio Müller.



Panorama da cidade de Cuyabá.

Cuiabá!



Continuamos apresentar aos nossos benevolos leitores algumas vistas desta Capital.

Cuiabá, si bem que morosamente esteja passando uma phase de transição nota-se contudo, um certo retoque que imprime-lhe um caracter dos lugares de civilisação.

Algumas ruas que ont'ora tinham feição aspera e triste, ornadas

Embora, tudo isto seja obra de pouco tempo para cá.

Ha 3 annos atraz a rua 13 de Junho nas immedições do jardim Ipiranga, nos apresentava bem desoladora feição.

Na epoca das chuvas a enxurrada torte espumante investia o declive estalidando nos angulos das pedras soltas, levando consigo a sordidez dos quintaes.

Hoje temos essa parte canalizada, graças a energia intrepida do actual governo, que arrostando os



Avenida Coronel Ponce - Antes de ser melhorada

de trepadeiras silvestres, hoje se apresentam com um risinho fresco de melhoramento, uma dose de sympathia alastrou-se pelas faces.

O calçamento alvejante de cristal prolonga-se subdivide-se em ramuaes pelas ruas : pontes são construidas firmes e solidas, enquanto que levantam-se predios e pingos de luz brotam nos bicos de gaz acetylene.

sacrificios mandou que se construísse tambem ao termino desse lugar uma ponte duravel.

E a travessa esguia e triste hoje é larga, espaçosa e magnifica, recebendo o nome de Avenida Coronel Ponce.

O visitante que de uma culminancia contemplasse a nossa Cuiabá, immediatamente veria os tons de melhoramento.

Lá na praça Dom Carlos, a Igreja Matriz bem alva rebrilhando á luz meridiana, o jardim ao lado, viçoso apunhalando o céu lizo e azul com as palmeiras colmadas de largas folhas e os lanpeões reflectindo das suas faces, jactos de luz solar que se não cega ao menos atordoa a vista.

O bond roucando como um gi-

vanea propulsora dos grandes ideaes do Estado, actua como pode; a arvore da sciencia, do trabalho e da perfeição se avoluma germinando a seiva do engrandecimento.

Sellemos estas linhas com a iluminação publica desta cidade.

Algumas das nossas ruas já possuem a iluminação a acetylene, empenho do ex-Intendente, que no



Panorama da cidade de Cuiabá. (Baixo do Rosario)

gante enfezado trajecta sobre os trilhos.

O baixo do Rosario é estranho ao movimento. A igreja para numa pequena eminencia e as casas na maior parte baixas, acanhadas, coladas umas ás outras como contos de um rosario, alvejam ao sol.

Cuiabá recebe uma força impulsiva que leva-a avante pela senda do progresso; o incremento material augmenta, e o governo — ala-

cumprimento de sua missão, houve-se do melhor modo possível.

Os antigos lanpeões não davam boa impressão a cidade, que alem de ser a mais populosa do Estado, pois conta pelo menos 22000 hs e é a capital, é o centro para onde convergem os olhares estrangeiros.

Louvemos pois o acto do illustre senhor Julio Müller.

O. de Barros.



O trabalho

Trabalhar, meus irmãos; que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor.
Dentre a orchestra da serra e do malho
Brotam vida, ciudaes, amor.

Castilho.

Eis como exprime Castilho, uns dos talentos da lingua portugueza falando acerca do trabalho.

Nestes versos dextramente burlados, tão singelos quão irrefutaveis encerram uma grande philosophia que inspirando á humanidade o amor ao trabalho, seu magno interesse, mostra ao mesmo tempo suas enapreciaveis vantagens e seus felizes resultados encarando-o sob tres pontos de vista—riqueza, virtude e vigor.

Antigamente cuidava-se que o melhor trabalho consistia em converter o metal em ouro; hoje porem o homem chega a cabal conclusão de que para crear ouro não é preciso metal; basta por em movimento as suas faculdades e sabel-as empregar de modo conveniente.

Estudando os factos já nos arcanos das sciencias e das cousas, já como próprio agente, observando as forças occultas da natureza, pelo ar, pelas aguas, no centro da terra, no descobrir dos tempos o homem chegará a efficaz conclusão de que pelo trabalho pode dominar a natureza e tornar-se senhor d'ella.

Para isso é necessario a applicação recta de suas faculdades, um trabalho methodico e productivo que por si só constitue uma riqueza. E' na industria onde mais alto tem

chegado a actividade humana. Modificada e aperfeçoada que seja, vê-se em razão o trabalho humano mudar successivamente de natureza; de origem puramente physica elle torna-se mais e mais intellectual. Observando a industria de locomoção nas suas differentes phases de desenvolvimento; desde as pesadas locomotivas de Stephenson e os barcos a vapor de Fulton até os mais aperfeçoados e complicados mecanismos de locomoveis e os *destroyers* hoje usados nos Estados Unidos e na marinha Inglesa, estudando e comparando-os vê-se que a medida que a força intellectual do homem progride tornando-os progressivamente modificados, e totalmente superiores aos primitivos. O mesmo succede considerando a acção do progresso industrial sob outros ramos do prodnção.

E' por meio do trabalho—essa poderosa alavanca com que os homens podem remover enormes massas de trévas e fazer surgir a luz, que dá vida e encanto a natureza que os sabios observadores do século XVII Ampère, Chevreul, Cuvier, Saint-Hilaire, Gay-Lussac e outros, depois de repetidas experiencias para descobrir a natureza intima das cousas, suas propriedades e quaes leis as regem deram ao mundo o século aureo, creando a Physica, a Chínica, a Medicina, Historia Natural etc. tão uteis e humanidade como a alma ao corpo e a bussola ao marujo.

O trabalho é vi tude.

Cerebros mentecaptos julgavam o trabalho uma occupação frívola do homem, porque infelizmente a sua

força do pensamento não podia alcançar e comprehendere a que a razão lhe diz contra: através de um falso prisma atribuíam o trabalho a desdouro do homem, ignorando entretanto que elle enobrece e exalta a sua dignidade, fixando a sua actividade, normalizando e detendo-o dos perigosos excessos e desregramentos; enfim conduzindo-o ao conhecimento do real e do util. Dissipando as extravagantes chiméras, as agitações phantásticas, o trabalho é uma escola de sobriedade, de temperança e de virtude.

Finalmente o trabalho é vigor porque contribue para o equilibrio das faculdades do homem, a força, a saúde, a robustez e agilidades do corpo. O homem ocioso é uma arvore sem seiva, um ser inerte, e portanto indigno de figurar na galeria da civilisação. E' na Suissa, o paiz essencialmente trabalhador, onde o operario encontra a liberdade, a par da garantia individual e por isso raros são os *meetings*; pois o povo pagando

tributo a sociedade que o protege e o defende não abdica o cumprimento do dever em prol de torpes insurreições que aniquilam o brio de uma nação que marcha na vanguarda do progresso e da civilisação. De conceitar o homem ao trabalho, a nós não cabe a tarefa tão magna, sim aos evangelizadores do saber.

Mas voltendo um olhar retrospectivo na historia, essa poderosa mestra de todos os povos, ver-se-á que o trabalho foi imposto como lei irrevogavel, desde a primitiva era christã, desde a culpa feliz de Adão no paraíso terrestre, por Deus, como pena de sua desobediência.

Tal é a lei: «Comerás o pão com suor do teu rosto.» Portanto obedecendo a voz potente do Creador, o homem durante a sua passagem neste planeta não faz mais que trabalhar e trabalhar sempre.

27—1—1909.

A. L. C. Campos.



COMO é lindo o céu azul, envolvendo a terra que contempla, extasiada, a sua belleza fascinante!

Vêde como na amplidão infinita dessa infinita aboboda que nos circunda, refulge garbosamente o sol, derramando sua luz radiante pelos mais longinquos recantos do nosso planeta e parecendo um leve batel de vélas doiradas vogando tranquillo nas tranquillias aguas azulejadas d'um lago sem fim.

E' encantador o céu assim todo azul, sem vestigio algum de nuvens

que venham pôr uma nuance na sua superficie unicolor.

Porem, esse lindo céu azul, limpo e sereno, repentinamente torna-se obscurecido por densas camadas de nuvens que rolam pela sua superficie, impedindo que os resplendentes raios do sol venham trazer sua luz vivificadora aos vergeis floridos, ás virentes florestas á bella natureza vestida de galas.

Essa mudança momentanea operada pelo tempo torna triste a risosinha natureza, immoveis as verdes juncos, arvores bailadoras, mudas as

avezinhas chilreantes cujo tatarar de azas exôa pelo espaço...

O coração humano é um céu azul, limpo e sereno.

Nelle refulge a alegria, sol brilhante e esplendoroso, cujos raios scintillantes luzem por toda parte.

Momentaneamente, porém, são esses rutilos raios obscurecidos pela tristeza, essa densa nuvem que impede o refulgir da alegria e faz triste o coração e a alma.

Cuiabá, 23-1-09

Portella Moreira.

A LIÇÃO AO Sr. SÁBIO

Uma lição a Ferri: e consistiu em demonstrar ao professor italiano que ha no Brasil quem entende e medita, e acompanha o desenvolvimento das mais variadas sciencias. E consistiu numa refutação que despaçou das peias em que o havia envolvido o adversario o ponto controverso; numa refutação que arrazou em toda linha os argumentos sophisticados do prof. Ferri, e, mais, num chuveiro de flores com que o samou o Padre.

Della insuspeitamente escreveu hontem o sr. dr. Alberto Seabra:

«Ainda me soam aos ouvidos com viva impressão e encantamento as idéas defendidas na conferencia da hontem pelo padre João Gualberto. Manda a justiça que se diga, qualquer que sejam as divisões doutrinaes que nos separem: esse sacerdote conferencista apresentou-se na lição com as construções scientificas da sua época. Espírito critico, e não meramente assimilador, se n'is revela elle, mas desse criticismo vigoroso, que sauda as irradiações da sciencia, sem se illudir com os fogos do artifício de um falso saber.»

Enquanto o cathedraico fez litteratura, o Padre—e professor tambem, mas de mais distincta disciplina—fez critica, séria critica scientificas.

Enquanto Ferri documentou as suas asserções com velharias anti-diluvianas, o Padre illustrou as suas de dados extrahidos de obras recentes, e demonstrou que, daqui de um recanto da America, está mais a par dos progressos da sciencia do que o pretencioso conferencista italiano.

O sr. sabido perdeu as estribeiras...

E, continuando, demonstrou ainda o Padre que, enquanto um professor de uma universidade, preso ao estudo de um «canonadissimo» padre da sciencia, de uma scienciazinha minusculla, utilitariana, mal conseguiu: trocar as cogitações de seu ramo por um encyclopedismo fraco, atrazado e barato, o representante do «obscurantismo» versa triumphantemente nua dúzia de materias,

e põe a sua robusta intelligência a serviço de uma dúzia de estudos.

Para nós, brasileiros, a refutação foi, sobretudo, uma gloria, por haver claramente patetizado que o «especialismo», em nome do qual uns enclausados alardeam erudição, pode ser desbancado por uma intelligência que reuna ao espirito synthetico a vastidão dos conhecimentos.

Ferri trouxe-nos idéas semelhanças ás que preocupavam aquelle impagavel Wagner, do «Faust» de Goethe, que a cada passo apouquentava o philosopho alchimista com as suas observações de um estreito analysmo. Sabem todos que o poeta allemão encarnou nesse importuno o tipo do «especialista», muito preocupado com as suas analyses, incapaz de remontar aos édos immortaes que enlaçam todas as sciencias humanas numa bola de bormicha, dessas com que as criticas brinçam.

Mas o «especialismo» está condemnado, por humilhante, por attentatorio da nobre dignidade que dá a intelligência o vigor e a coragem para os seus surtos.

Já Humboldt viu della, e, escrevendo de Humboldt, viu tambem Latino Coelho, Riu Spencer, e com elle todos quantos trataram o assumpto da educação da vontade.

Oh! o sr. sabido que atravessa uma vida inteira a medir craneos de cadaveres, e a revolver nelle o empyreio á procura da sciencia do bem e do mal, do justo e do injusto, da virtude e do crime, e que, depois de n'esse mistér pas-ar esquecido pelo seculo, encontra as maravilhas do seu tempo nas descobertas da physica elemental, oh! o sr. sabido é retrógrado, é anachronico, é obscurantista.

De outro lado, estudando profundamente os mais diversos assumptos, o Padre, sem focar sequer no nome de Deus, mostrou como todas as modernas conquistas da sciencia, muito mais maravilhosas do que aquellas velharias do prof. Ferri, conduzem o espirito á aceitação da norma catholica, e que, ainda que essa norma perdesse um dia todo o seu prestigio moral, e rubisse entre uma gargalhada unissina, a sciencia se encarregaria de protestar contra esse ó respeito, e do impor a obediencia geral a norma desprestigiada.

Taes conquistas levaram o homem a esta conclusão: a sciencia não maculou nunca os principios do catholicismo.

E por ter assim raciocinado, o vigor com que adrange sob as azas da sua argumentação um campo immenso de conhecimentos provocou a admiração do sr. dr. Alberto Seabra, medico e, portanto, alheito aos processos positivos de estudar.

Tal foi, certo, o espirito critico que em suas palavras encontrou o illustre clinico, o espirito superior de synthese, que, desprezando mesquinhas, não convencionais pontas de partida, como fez o prof. Ferri nas «Maravilhas do seculo XIX», mas, com argumentos e não com pherias, delineia a verdadeira rota a seguir, o percurso gloriosamente.

Foram ainda as conferencias do revm. João Gualberto um documento de seriedade, de lealdade.

Nem um doesto, nem um «true» como esses doestos e esses «trues» que pulularam na oratoria do prof. Ferri.

O auditorio, inquestionavelmente mais intellectual do que o do prof. Ferri, —pois era com-

EDUCAÇÃO DOMESTICA

posto, em sua maioria, de lentes das escolas superiores, magistrados, advogados, médicos, engenheiros, estudantes, homens de letras, ao passo que no Polytheama a grande massa da assistência era formada de operários italianos, que poucos lugares deixavam a alguns advogados brasileiros, jornalistas, etc., antes completando-se a casa com muitas exmas. famílias da melhor sociedade da colônia italiana, — o auditorio, dizíamos, não tinha occasiões de rir nem de applaudir tiradas.

Não! os applausos seguiam-se aos argumentos mais poderosos. E' fácil verificá-lo.

Nas conferencias do prof. Ferri, relampagavam aquelles «fogos de artificio» de que falou o dr. Alberto Seabra, e que constituem a mais flagrante característica do «falso saber».

Por tudo isso, a ampla refutação do sacerdote scientista representou o genio vastissimo dos brasileiros, capaz de assimilar e criticar as mais varias doutrinas, representado na pessoa de um filho de um recanto de Minas, capaz de confundir a cathedra do especialismo.

Apesar de todos os recursos que lhes offerecem as chamadas cooperativas scientificas, os srs. sabios da estopa do prof. Ferri estão ainda jurgulados a essa especialidade luctuosa desvantajosamente disfarçada por um encyclopedismo retardatario.

Pois bem: aqui no Brasil num recanto do sertão de Minas Geraes, pôde-se formar um sabio, com toda a erudição dos especialistas accrescida do espirito synthetico das cerebrações vigorosas.

Tambem isso foi uma lição ao sr. sabio.

Entretanto, enquanto que o prof. Ferri não passava segundo sem encher a bocca da «seleção», como si falasse a feticistas, o illustre sacerdote catholico nem uma vez estudou o valor dos seus conhecimentos.

E' que depois das confissões de Spencer, de Berthelot, de Pasteur, e da innumeravel legião de pensadores que monsenhor Baunard chamou «as victimas da duvida», — é um acanhamento e é quão tolice arvorar a sciencia experimental e do «specialismo» no apice do ideal humano.

As conferencias do revmo. padre dr. João Gualberto foram, porém, e acima de tudo, e com elevada effluencia — uma lição... aos catholicos.

Elas animaram de seiva viçosa a acção catholica em S. Paulo; foram uma condemnação tacita da inercia, da calmaria em que permaneciamos; e deram-nos a gloria do primado nesse grande movimento que todos os factadores de fibra estão vendo crescer e murmurar, e que é o afluxo de immensas conquistas em todos os terrenos. — F. L.

(Do São Paulo)



NÃO é demais insistir, porque hoje infelizmente, muitos paes, quicá catholicos, não escrupulisam neste ponto.

A natureza da criança é, como disse, um campo, que deve ser cultivado á guisa de um campo material.

E' inutil espalhar a semente num terreno que não está preparado. Si não removemos as pedras e outros elementos extranhos que vão suffocar a semente, expomos-nos a perder o nosso trabalho, sem colher nenhum proveito.

Em relação á criança, dá-se o mesmo.

E' necessario desde o principio remover todo elemento que possa tornar infructifero o germin da virtude e da santidade.

Ora, não ha duvida que a criança desde a aurora da vida demonstra propensões e paixões, que serão outros tantos poderosos destructores da virtude, si em tempo não se regulam e não se moderam.

Não se mudam os paes com esses defeitos a que chamam, erroneamente, pequenos.

A ira é uma das paixões mais frequentes nas crianças. Quaes sejam as consequencias desse vicio, demonstram-no os carcereiros que regorgitam de eximiosos.

E' dever dos paes procurar que os seus filhos amem e pratiquem a mansidão.

O que digo da ira repito com relação á outros vicios e paixões — por exemplo o vicio da mentira, da dobrez, da adulação, etc.

São cousas pequenas! — dizem alguns. Cansa pequena e a dynamite na pedreira, mas depois de incendiada que estragos não produz!

Pequena coisa invizível a olhos nús, é o microbio que habita o nosso organismo, mas que effeito desastroso não produz quando, em occasião favoravel, o virus se manifesta.

Não ha cousas pequenas, muito principalmente tratando-se da educação de uma criança, em que um defeito, um capricho, não contidos e refferidos a tempo, podem assumir proporções assustadoras.

Entremos nos carcereiros e façamos um estudo de psychologia naquelles criminosos que ali gemem sob o peso dos grilhões. Indaguemos qual foi a educação que receberam. Da maior parte receberes uma resposta summamente expressiva meus paes não me educaram.

A este proposito lembra-me um facto que podia servir de esgarmento a certos paes, para os quaes a educação moral dos filhos é cousa secundaria.

«Um joven fora condemnado á morte. Antes de subir ao patibulo, apresentaram-se-lhe todos os seus inimigos e accusadores. No meio daquella turba estavam dois velhos paes: que vinham dar a seu filho a dolorosa despedida.

«Perdão, disse o joven, a todos vós que fostes meus inimigos, calumniadores. Perdão ao carasco que vae executar a sentença; perdão ao juiz que proferiu a sentença; perdão a todos. Só a vós, disse com os olhos inflamados e apontando para os paes, só a vós eu não perdoo — porque não me soubestes educar, e por vossa causa hoje soffro a morte.»

É bastante expressiva ostentação pratica, que aos paes dá a experiencia.

O que é mais lamentavel na educação domestica não é a inercia dos paes em relação aos defeitos que devem corrigir nos filhos, mas o concurso positivo que dão para que esses defeitos cresçam, se desenvolvam e criem raizes.

Em certos paes que têm um vocabulario de eufemismos, do qual se servem para denominar todos os desatinos dos filhos.

A criança que sabe encobrir com a capa da hypocrisia as faltas que commette, não será chamada hypocrita, mas « esperta » e « intelligente ». Este panegyrico lhe é tecido deante da primeira visita que se recebe em casa.

É esta a occasião mais opportuna que têm os paes para canonizar os filhos dyscolos.

Intelligente, activo, esperto, e outros são os epithetos que se lhes dispensam a proposito dos seus maiores desatinos.

Não é isto fomentar e acorçoar os desmandos dos filhos?

Os paes que assim procedem decididamente desconhecem os effeitos perniciosissimos que produzem estes elogios mal cabidos.

Mas não param aqui os defeitos de educação domestica. Muitos outros ha, mas todos elles apoiados num erro fundamental.

Ninguém ignora que os paes pensam immediatamente no futuro da criança, logo que vem á luz.

Esta idéa os acompanha continuamente e os move a providenciarem em tempo, para que tal futuro seja garantido.

Mas succede que; hoje em dia, uma unica é a idéa dos paes: — formar filhos sabios.

Este projecto os absorve completamente, a ponto de esquecerem, em absoluto, da educação moral.

Senão, talvez, muito severos quando a criança não se applica ao estudo e não procura tirar proveito das lições, mas de nenhuma energia asseio na ordem moral, ainda mesmo que os filhos manifestem propensões vivas para o vicio e para o crime.

É lamentavel este erro, muito mais quando delle são victimas paes catholicos, que sabem perfeitamente que o que faz o homem não é a sciencia mas sim a virtude.

Os paes sem entranhas que assim procedem, não têm amor a seus filhos.

O que os move é um interesse e uma vaidade mal cabida, que lhes acarretará para o futuro innumerables desgostos.

Querem filhos sabios, ainda mesmo que sejam homens nulos na ordem moral!

De que lhe valerá essa sciencia sem a virtude? Já disse e repito — a sciencia num homem sem vontade formada, é um instrumento efficacissimo para o crime.

Os seus conhecimentos o levarão a toda sorte do peccados hediondos.

É inutil recorrer a motivos naturaes para desfazer o meu asserto.

A vergonha, o pudor, o temor do carcere e outros, são motivos sem efficacia nenhuma para um homem cuja natureza não tem direcção nem formação.

Appello para a experiencia.

Nesta materia falam eloquentemente os factos.

O ideal dos paes deve ser, pois, a educação moral. A formação physica e a intellectual são

meios para se obter a formação moral, que é a que faz o homem.

E como na construção de uma casa o alicerces deve ser solido, também na formação moral ha esta mesma necessidade.

Este alicerces, disse e repito é a idéa de Deus e da vida futura.

Sem esta idéa formar-se-ão sabios, talvez, mas não homens que sejam uteis a familia e a patria.

Philémon.

(Do S. Paulo.)

Apontamentos para a civilização dos indios bravos do Imperio do Brazil

1 de Junho de 1822. — J. B. de Andrada e Silva.

« A facilidade de os domesticar era tão conhecida pelos missionarios, que o padre Nobrega, segundo refere Vieira, dizia por experiencia que, com musica e harmonia de vozes, se atrevia a trazer a si todos os gentios da America. Os jesuitas conheciam que com presentes, promessas e razões claras e sas, expendidas por homens praticos na sua lingua, podiam fazer dos indios barbaros o que delles quizessem. Com o Evangelho em uma mão e com presentes, paciencia e bom modo na outra, tudo delles conseguiam. Com effeito, o homem primitivo nem é bom, nem é máo naturalmente, é um mero automato, cujas molas podem ser postas em accão pelo exemplo, educação e beneficios. Se Catão nascera entre os Satrapas da Persia, morreria ignorado entre a multidão de vis escravos. Newton, se nascera entre os Guarabys, seria mais um bipede que passava sobre a superficie da terra: mas um Guarany crendo por Newton talvez que occupasse o seu lugar. Quem ler o dialogo que traz Lery, na sua viagem ao Brazil, entre um Francez e um velho carijó, conhecerá que não falta aos indios bravos o lume natural da razão.

Não obstante isto, cre ainda hoje muita parte dos Portuguezes que o indio só tem figura humana, sem ser capaz de perfectibilidade. Eu sei que é difficil adquirir a sua confiança e amor, porque, como já disse, elles nos odeiam, nos temem, e podendo nos matar e devorarem. E havemos de desentpat-os, porque, com o pretexto de os fazermos christãos, the temos feito e fazemos muitas injusticias e crueldades. Faz horror reflectir na rapida despozação destes miseraveis depois que chegamos ao Brazil; basta notar, como refere o padre Vieira, que em 1615, em que se conquistou o Maranhão, havia, desde a cidade até o Gurupá, mais de 500 aldeias de indios, todas numerosas, e algumas dellas tanto, que deitavam quatro a cinco mil avos; mas quando o dito Vieira chegou em 1652 ao Maranhão, já tudo estava consumido e reduzido a muy poucas aldeolas, de todas as quaes não pôde André Vidal de Negreiros juntar 800 indios de annas. Calcula o padre Vieira que

em 30 annos, pelas guerras, captividades e moléstias que lhes trouxeram os Portuguezes, eram mortos mais de deus milhões de indios.

Daqui fica claro que sem novas providencias e estabelecimentos fundados em justiça e na politica, nunca podemos conseguir a catechização e civilização desses selvagens. É preciso, pois, imitar e aperfeiçoar os methodos de que usaram os jesuitas. Elles, por meio de brandura e beneficios, aldearam infinidade de indios bravos, e, o que mais é, até os Governadores de Goyaz, imitando-os, fizeram nossos amigos os Acroás, os Jovais, os indomitos Caiapós e os cruéis Chavantes. E como o conseguiram? Dando liberdade aos prisioneiros, vestindo-os, animando-os e persuadindo-lhes a que viessem viver debaixo das santas leis do Evangelho. Apesar de sua barbaridade, reconheceram elles os obsequios feitos e não ficaram insensíveis às attentões com que os tratavam os grandes Caciques dos brancos, como elles chamavam áquelles generaes. Os mesmos Botucados e Byris, contra quem se declarou ultimamente guerra crua, se vão domesticando. Na provincia da Bahia, pelo bom modo com que lhes soube ganhar a vontade um general, vivem os Botucados em boa paz connosco, ao mesmo tempo que na capitania do Espirito Santo fazem-nos dura guerra, apesar das expedições e postos militares.

Os meios, porém, de que se deve lançar mão para a prompta e successiva civilização dos indios, e que a experiencia e a razão me tem ensinado, eu os vou propor aos representantes da nação, e são os seguintes:

1. *Justiça*, não esbulhando mais os indios, pela força, das terras que ainda lhes restam e de que são legítimos senhores, pois Deus lhes deu; mais antes comprando-lhas, como praticaram e ainda praticam os Estados Unidos da America.

2. *Brandura, constancia e soffrimento da nossa parte*, que nos compree como aos usurpadores e christãos.

Imitemos o missionario Aspileyeta, que lá buscava os indios desta provincia aos matos, esperava-os quando vinham da caça para lhes dar as boas vindas representava-lhes todos os encommodos que soffria por elles; e quando os via descançados e attentos, começava a pregallhar-lhe então a nossa Santa Fé imitando as maneiras e trejeitos de seus Pais ou Peiticeiros.

3. *Abrir commercio com os barbaros*, ainda que seja com perda da nossa parte, recebendo em troca os seus matos e pequena industria, e levantando-lhes quiquilharia de ferro e latão, espelhos, missangas, ficas, etc.

4. *Procurar com dadias e admoestações*, fazer paz com os indios inimigos, debaixo das condições seguintes, quas as que o Governador Meno de Sá estabeleceu em 1558: 1. que não comam carne humana, nem matem os inimigos mortos; 2. que não façam guerra aos outros indios sem o consentimento do Governo brasileiro; 3. que se estabeleça um governo digno, um commercio reciproco entre elles e nós para que comecem também o *men* e o *ten*, abrogando-os o uso indistincto dos bens e productos da sua pequena industria.

14. Como cumpre excitar-lhes a curiosidade e dar-lhes altas idéas do nosso poder, sabedoria, e riquezas, será conveniente que o missionario leve uma machina electrica com osapparelhos precizos para, na sua presença, fazer as experiencias mais enriúsas e bellas da electricidade, e igualmente phosphoros e gaz inflammavel para o mesmo fim."

Estas palavras de José Bonifacio dissiparam sempre qualquer duvida acerca da conducta que os Brasileiros devem observar em relação aos indigenas do Brazil. O desprazer de taes conselhos seria actualmente uma verdadeira monstruosidade, pois que os ensinados de Augusto Comte vieram dar-lhes a inabalavel consistencia das demonstrações scientificas.



Primeira Missa as margens do rio S. I. o tronço — 15—8—1894

Pela morte de meu Pae

Tristis est anima mea...

S. Lucas XXII. 42.

Meu Deus! Não sei que dôr meu ser esmaga
Quando me lembro de meu pae saudoso!
Elle já foi-se... Choque mystorioso
Sangra-me asperamente a funda chaga!

Sem conta é o meu sofrer... Orphão, divaga
Minha alma n'um deserto assaz penoso...
Foi-se-me da familia — o anjo cuidadoso,
Que com azas de amor a vida afaga!

Na bella Eternidade amavel crença,
Só tu pôdes lenir a dôr immensa
D'um religioso coração de filho...

O' Deus das Oliveiras..., tu que, exangue,
Remiste a humanidade com teu sangue;
Leva papae da tua Gloria ao brilho!

Armindo.



Insectos uteis á lavoura

Formigas destruidoras das Saúvas

Duas importantes conclusões votadas por o 2.º Congresso Nacional de Agricultura, reunido no Rio de Janeiro, no mez de Agosto.

Considerando:

1. Que as formigas cuyabanas do genero «Prenolepis» e especie «Fulva» estão reconhecidas como destruidoras das saúvas e outras insectos nocivos á agricultura;

2.—Que não damnificam as culturas, assim como são inoffensivas aos pequenos animaes;

3.—Que, além de fazerem desaparecer quesequer insectos perjudiciaes á lavoura, afugentam as cobras, evitando assim que o gado, solto nos pastos, possa ser victimado por envenenamento ophidico;

4.—Que o unico inconveniente que ellas apresentam está em se mostrarem affeiçãoadas ao assucar, doces e carnes cozidas ou assadas, invadindo o respectivo vasilhame, o que, aliás, poderá ser evitado, collocando-os fóra do seu alcance, sobre uma mesa, cujos pés apoiem em pequenos cubos contendo agua salgada;

5.—Que as experiencias ultima-

mente feitas pelo Director do Museu Paulistano, o reputado scientista snr. dr. Herman von Ihering, foram de tal importancia a não deixar a menor duvida sobre a utilidade das cuyabanas, procedentes de Valença no Estado do Rio de Janeiro, o que se poderá facilmente verificar da noticia a respeito trasmittida pelo mesmo scientista e trascripta no Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura;

6.—Que a mesma confiança não podem deixar de merecer os attestados espontaneamente passados pelo snr. dr. José Manoel Pereira Pacheco, representante do Estado da Parahyba do Norte neste Congresso, pelo snr. dr. Paulo de Amorim Salgado, representante de Pernambuco e Presidente da 3.ª Conferencia Assucareira e por outros agricultores, cujo nomes serão opportunamente publicados;

7.—Que ha a maior conveniencia em que se sujeite á mais severa fiscalização o fornecimento de enxames dessas formigas, affin de que os agricultores não possam ser illudidos, como já tem acontecido, sendo reconhecidas as fraudes commettidas nesses fornecimentos, como a causa principal de um insuccesso das referidas formigas em algumas localidades;

Proponho:

1.º—Que o 2.º Congresso Nacional de Agricultura aconselhe á lavoura a continuar experiencias sobre a efficacia das formigas cuyabanas («Prenolepis Fulva») no ataque ás saúvas e outros insectos nocivos, experiencias que já contam a seu favor attestados fidedignos, ensaios diversos e a convicção de pessoas que as preconizam, como o signatario, que as cultiva em larga escala;

2.º—Que o mesmo Congresso solicite, por intermedio dos Poderes Publicos Federal e Estaduaes, frete gratuito para o transporte de enxames de cuyabanas, nas estradas de ferro e companhias de navegação maritima e fluvial, precedendo as respectivas requisições de uma guia da Sociedade Nacional de Agricultura.
Rio de Janeiro, 22 de Agosto de 1908.

João de Carvalho Borges Junior.



Destruição das formigas e moscas.

Em um recipiente, tal como um prato ou tigella pequena, deita-se xarope de assucar e aproximadamente 4 grammas de arseniato de sodio. Colloca-se o recipiente perto do orificio do formigueiro, conchegando com terra até aos bordos. Tapa-se com uma rede, afim de impedir que os cães gallinhas ou quaesquer outros animaes domesticos, bebam o xarope venenoso. A formiga gulosa precipita-se sobre o xarope e uma vez envenenada tenta entrar no formigueiro. A victima é logo devorada pelos seus semelhantes, que vão tendo igual sorte.

Se se mergulhar em uma folha

de papel revestido por xarope de assucar em arseniato de soda, facilmente nos podemos ver livres das moscas, que tanto abundam pelos campos.



O Hydromel

BEBIDA DOS DEUSES!

Quem quer que já tenha experimentado esta deliciosa bebida, «bebida dos deuses» disse um illustre escriptor brasileiro, ha de, por força, ter exclamado: Licôr sem rival, rei dos licores! porque razão és quasi desconhecido? De facto não se comprehende que bebida como o hydromel, de um sabôr pouco commum perfumoso, inocua e confortante, seja deixada no esquecimento, enquanto que a cachaça, o alcool e tantas outras dominem os mercados, fazendo tantas victimas. Seria um caso de legitima e efficaz intervenção do poder publico, a promoção do desenvolvimento da apicultura no Brazil, de modo a poder o hydromel tornar-se bebida commum, barata e ao alcance de todos, fazendo, portanto, concorrência a outras bebidas tão damnosas. Neste particular, muito poderia tambem fazer a imprensa, patenteando as vantagens, os lucros estupendos que adviriam aos particulares e á Nação, si cada fazenda possuísse seu colmeal, si cada camponez possuísse tambem a sua colmeia.

Quem dirá que isto não é exacto?





Charadística

TORNEIO
DE
JANEIRO A MARÇO

Charadas novissimas 10 a 13

Tenho uma nota no quintal 1-1
A lama sujou a luva do presumptuoso 2-2.

Nabucodonosor

Já duas vezes que encontro este rapaz
aqui no jogo 1-1.

Na musica o Imperador romano era
malvado 1-2.

Reivalio.

Charadas Casacas 14 a 16

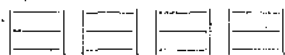
O cavallo está na embarcação 2
Esqueci o instrumento na embarca-
ção 3

Nabucodonosor

Paga se fretê por este sacco? 2

Urutáu

Enigmas 17 e 18



Destes vinte palitinhos
Terás de seis retirar;
Pois logo, immediatamente
Grande sinio has de encontrar.

Nabucodonosor

Cinco letras, duas syllabas
E' o que o meu todo encerra
E quando pego algum pezo
Levanto-o acima da terra.

Prima letra, igual á quinta,
Sózinha vale por mil.

E segunda, irmã da quarta
Nada vale no Brazil.

A tertia, no abecedario
Logo antes do til, parece
Que fica, podendo as vezes,
Substituir-se por S.

Agora, vamos leitor,
Vamos esta decifrar,
Pois se isto não fizeres
Seguindo e ponho no ar.

Hamilton.

Charada electrica 19

Causa prazer ter um cão? 2

Hamilton.

Logogripho 20

POR LETRAS

Na embarcação, 7, 4, 6, 1, vi uma ave
3, 2, 7, comendo migalha de pão 2, 5, 6, 1,
quando aquelle homem que estava com
raiva 5, 4, 7, recitava o poema 6, 1, 4, 2, 3,
que canta a belleza deste recanto da terra.

Hamilton.

Charadas syncopadas 21 a 23

Na embarcação recebe-se salario? 3-2

Hamilton

Mimosa flor da cidade 3 2

A minha opinião já dei em favor da
fabula. 3-2

Reivalio

Charada bisada 24

Quando passei, o rio *reno* estava va-
zio. 4-2

Reivalio.

Necessidade mathematica da existencia de Deus

DE

HENRI BISSON

TERCEIRA PARTE

THEOREMAS

(Continuação)

II Theorema. — Toda unidade finita concreta tem por raízes irreductíveis zero e o infinito; ou de outro modo, toda unidade finita concreta e, por consequente, toda coisa, qualquer que seja, é formada de uma infinidade de vezes nada.

O que é verdade com números abstractos é verdade com números concretos. Seja pois um pomo, P. (Sob a condição, bem entendido, de ser material, e por consequencia, mensuravel e divisivel.)

$$\frac{P}{x} = 0, \text{ e } P = 0 \times x$$

Com effeito, para achar os elementos irreductíveis de P, não podemos fazer diversamente, si não dividindo P, *individamente*; até encontrar uma parcella indivisivel. Mas esta parcella de pomo, atomo irreductivel, não seria obtido segundo o theorema precedente, a não ser sectionando este pomo um numero infinito de vezes, caso em que elle seria dividido em uma *infinidade* de partes iguaes a 0 materia do pomo. E não só iguaes a 0 materia do pomo, porém a 0 absolutamente, ao nada. Porque 0 é de todos os *generos*, ou melhor, não é de *genero* algum; não saber-se-lhe concretizado, sendo inteiramente determinado por si mesmo. Em 0 como no infinito, tudo se confunde e não ha mais heterogeneidade.

Logo, um pomo e como o raciocinio é applicavel a toda unidade finita concreta, seja qual for — é em *ultima analyse* formada de uma infinidade de vezes nada.

Ver-se-á ao depois a forma definitiva que deve receber este enunciado.

Concluzio — *Toda quantidade finita*

concreta é formada de uma infinidade de vezes nada.

Objeções — Alguem pretendeu que não tivessemos direito em mathematicas, de concluir do abstracto para o concreto. Ora, por nossa parte, a nossa razão recusa absolutamente admitir que uma verdade mathematica possa ser verdadeira no abstracto e falsa no concreto, attendendo-se que uma verdade abstracta não é senão a formula geral de um certo numero de verdades concretas analogas entre si.

Nunca se cobstatou que $2+2$ fizessem 4; mas tem-se certeza de que $2+2$ fazem 4 sempre, sejam quaes forem os objectos.

Porém, objecta-nos — si podeis dizer 2 pomos + 2 pomos fazem 4 pomos, não podeis affirmar que 3 pomos + 2 meios-pomos fazem 4 pomos, porque sempre permanecerem 3 pomos e 2 semi-pomos — Respondemos:

Só se pode addiccionar coisas da mesma especie, isto é, iguaes entre si. Ora, praticamente não ha duas coisas que sejam iguaes, não ha senão coisas que têm uma ou varias *qualidades communs*. Ora, quando se quer grupal-as, faz-se abstracção das qualidades não communs, considerando somente aquellas em que têm um principio de igualdade, isto é, as qualidades communs, o conjunto das quaes constitue então uma *unidade* toda theorica. E esta unidade varia segundo o ponto de vista particular em que nos collocamos. Assim, nós podemos tomar por unidade um pomo de tal dimensão e de tal proveniencia. Logo, temos direito de dizer que 3 pomos mais 2 meios pomos fazem 4 pomos, attendendo-se que estes meios pomos são theoricamente iguaes entre si como metades da unidade de pomo. Temos direito absoluto como temos direito de dizer $3 + \frac{2}{2} = 4$.

Si considerarmos especialmente a qualidade de pomo não dividido, é evidente que não podemos dizer 3 pomos mais 2 meios pomos, são iguaes a 4 pomos inteiros, e nessa hypothese nem poderiamos dizer $3 + \frac{2}{2} = 4$. Seria addiccionar quantidades não da mesma especie.

(Continúa)



Roteiro da navegação

DO

Rio Paraguai

desde a foz do São Lourenço até
o Paraná

PELO CAPITÃO DE FRAGATA DA

ARMADA NACIONAL E IMPERIAL

AUGUSTO LEVEIGER

(Barão de Melgaço)

Publicação feita sob a direcção de

ESTEVAO de MENDONÇA

(Continuação)

Assim também pensão Azara e outros Officiaes Hespanhóes que passarão por este lugar. Porém, nem por isso deixa de ser Fecho dos Morros um importante ponto militar, pois, como disse a respeito de Coimbra, são raríssimas as occasiões em que a navegação pelo canal he praticavel, se não em pequenas canoas.

11 millas a S. dos Fecho dos Morros ha, na margem esquerda, humma pequena collina chamada *Batufinha*; da base della projecta-se humma restinga que estreita o leito do rio; chamão *Passo do Turunú* a este lugar, onde, ainda ha pouco, viamão os Indios *Enimás* effectuar vermutações de cavallos por gado vacum, que de Miranda trazia-lhes gente nossa. Pelo que ouvi dizer desses Enimás, penso que formão humma tribo da nação *Lengua*.

Continua o Paraguai a rumo de S., e em distancia de 7 millas, passa pelas *Tres boças* formadas por 2 ilhas quasi a par. Adiante 8 millas, desagoa humma bahia na margem esquerda, e veem-se na margem opposta alguns montes de medioere elevação, a que chamão as *Sete pontas*. He nesta paragem que, segundo o Ten.º Cor.º Hespanhól D. José Antonio de Zavala, desagoa o pequeno rio *Tepoti*. O Commissario Hespanhól D. M. Antonio de Flores, que por aqui viajou em 1752, colloca a foz do dito rio pela Latitude de 21º 47' tendo em observado a Latitude de 21º 46' 50" na boeca da sobredita bahia suppoz que nella entravão as agoas do *Tepoti*.

Entretanto explorando-a, por um bom espaço, não lhe percebi correnteza alguma. Acrescentarei que forão vans as

indagações que fiz á cerca do mesmo rio, de cuja existencia não têm conhecimento o praticos, a quem consultei, sendo hum delles o actual commandante de Olinda, que, durante muitos annos, fez mensalmente a navegação da Villa da Conceição para esse Porto.

Dizem que a Ponte das Sete-pontas reside humma tribo dos Guaranis.

Daqui corre o rio, por terreno, em partes muito baixo, a rumo geral d' Sul, dando grandes voltas, e formando varias ilhas até a foz do rio *Apa*, na Latitude de 22º 6' e distante das Sete-pontas 28 millas. Defronte da dita foz veem-se na margem direita duas pequenas e baixas lombas hum pouco retradas do rio.

O *Apa*, que em alguns mappas he designado, pelo nome de *Correntes*, desagoa na margem esquerda, na sua foz he repartido em dois braços por humma ilha raza de pouca extensão; logo acima dessa bifurcação tem como 40 braços de largura, com canal bastante fundo, porém muito estreito. Sou informado que diversos recifes empecem a sua navegação.

Com quanto nenhum Tratado em vigor haja fixado por este lado os Limites do Imperio, aqui acaba de facto o nosso dominio sobre a margem esquerda do rio Paraguai, pois actualmente estão os Paraguaos de posse do territorio a Sul do *Apa*, sobre cujas margens fundarão e conservão alguns pequenos estabelecimentos militares.

He também, ao meu ver, nesta altura que termina-se pelo lado oriental a vasta e horizontal planicie que, alagada annualmente pelas chuvas periodicas e pelas agoas transbordadas do Paraguai foi pelos geographos denominada *Lago de Xaranda*.

Cabem pois aqui algumas observações retrospectivas.

As chuvas, nas cabeceiras do Paraguai e dos seus ja mencionados afluentes, soem principiar em Outubro e acabar em Abril. A enchente manifesta-se de Janeiro a Fevereiro, vai crescendo até Junho ou Julho, e começa então as agoas abaixar até o anno seguinte. Não são com tudo fixas essas epochas: ás vezes adianta-se ou atrasa-se a estação chuvosa, e consequentemente e inundação. He evidente que o volume desta, dependendo de maior ou menor abundancia e duração das chuvas, he

tão bem sujeito a muitas variações. Anos ha em que o Paraguaí, em grande parte do seu curso, não transborda os seus barrancos, e ficão alagadas tão somente as partes mais baixas do terreno. Em outros, annos toda a campanha inunda-se. Referem-se, e sem custo acredito, que tem havido cheias que se elevavão até 30 palmos acima do nível das agoas baixas. Considero porem taes enchentes como extraordinarias; creio que communmente a mencionada differença de nível não passa de 15 palmos e he quanto basta para que mui poucos sejam os reductos isentos de completa alagação. Quanto a superficie inundada que principia na foz do rio Jaurú pelo paralelo de 16° 22' não me he possível descrever com exactidão os seus limites lateraes; todavia direi que, na altura do S. Lourenço, a alagação entra de 60 á 80 milhas pela margem esquerda; o mesmo na altura do Taquari; dahi para baixo vai progressivamente tendo menos largura, e abaixo do Trecho dos Morros não passa de poucas milhas. Pela margem occidental, ter-se-ha visto que, desde o S. Lourenço ou antes desde a Lagoa Gaiba até Coimbra as serras e altas terras que bordão o Paraguaí em maior ou menor distancia, não deixão a alagação estender-se muito ao longe se não por alguns vaões; porem de Coimbra para baixo vai cada vez mais alargando a facha de terreno inundado.

No tempo da secca, subsistem ainda, por um e outro lado do rio, innumerados depositos de agoas, alguns extendem-se em lagoas mais ou menos amplas; outras parecem verdadeiros rios que serpenteão pela planície.

Não pretendo descrever nem mesmo enumerar a multidão de animaes que povoão as margens do Paraguaí e as suas agoas; mencionarei tão somente aquelles que mais attrahem a attenção do navegante destituido, como eu, de conhecimentos zoológicos.

Vem em primeiro logar a *onça* ou tigre, cuja presença he frequentemente denunciada pelos seus urros e pelas suas pegadas; encontra-se tanto nos matos como nos campos e paúes. Em toda parte encontra-se também a tímida capivára, e de vez em quando mandas de *caite-tus* ou *parcos muntizes*. Os campos limpos são habitados por *cerros* e *ceadas*;

os capões por bandos de *macacos* e *bugiás*. Humas vèz por outra apparecem *antilas*, *púcas*, *tamanduatys*, *ouricos*, *latãs* e varios reptis, como camaleões e *sinubús*.

Dos animaes desta ordem os mais communs, são os *jacarés* que, em grande quantidade, veem-se estendidos pelas praias; e quando não apparecem annuncião a sua proximidade pelos seus urros e pelo seu cheiro amiscarado; não são perigosos; não estando irritados raras vezes atacam o homem. Entre as aves, citarei as *anhumas*, que depois das *Emas* são as maiores de todas, mas que o caçador não persegue por que não se come a carne dellas; os *mutuns*, *jacús*, *arancuans*, que offerecem hum saboroso e saudavel manjar, bem como os *patos* e *marrecas*, que se veem em grandes bandos; as *arúas*, os *papagaios*, *periquitos* e muitas especies de passáros; varias sortes de *corujas*; os *tuiutús*, *garças*, *gaivotas* *colhereiros* e outras aves aquaticas, e particularmente immensos bandos de *biguás*; bando de *arubús* quasi sempre acompanhão o navegante, afim de participar da sua refeição. Veem-se com frequencia *aribanhas*, *lontras*, e *guaribas* pulando e mergulhando nas agoas do rio. He o mesmo rio fartissimo de peixes, tanto liso como de escamas, que quasi todos fornecem gostoso e sadio alimentô. Não passarei em silencio a especie de todas a mais abundante, das carnivoras *piranhas* ou *tesouras*, que ferrão os agudos e incisivos dentes em tudo quanto se parece com carne; e logo que apparecem na agoa algumas gotas de sangue, accodem em duzias, se não em centenas, e em breve tempo não deixão senão o esqueleto do animal, por maior que seja, que cahio em poder dellas. Farei também menção das *arraias* armadas de hum ferrão, cuja ferida causa atrozes dores. Não são estas, nem as onças e jacarés as unicas alimarias contra as quaes se deve usar de cautela: encontra-se também *Sauris* e varias especies de cobras venenosas.

(Continúa.)





SECÇÃO

AMENA

Tremenda lição

II. Desobediência e malvadez

(Continuação)

Não tinha tempo a perder, tanto mais que com Francisco, sempre se devia contar com uma boa história que consumia alguns minutos... Ora! estava decidido... Roberto seguiu caminho correndo.

Em frente de uma bella casa achava-se um carrinho vazio; justamente Francisco estava alli a examinal-o muito de perto. A esta hora matutina, os quarteirões elegantes de Paris são muito solitários; ali não se admittem lojas e por consequente, os viandantes são raros.

Francisco não era pois de modo algum perturbado na operação a que se entregava.

—E's tu, Roberto? disse elle continuando a sua obra, para fazer a qual tinha virado o carrinho.

—Que fazes ali?

—Oh! vai ser tão divertido!.. Deve ser um moço de merceria, ou qualquer outro, que tenha vindo entregar a sua mercancia; eu desmancho-lhe o carrinho, e quando elle quizer pôr-se a caminho, as rodasirão cada uma para seu lado: como elle vai enfurecer-se!

—Sabes, disse Roberto, que não temos muito tempo?

—Sei... sei... é preciso fazer depressa; e não é facil... Segura um pouco a outra ponta para vêr... Tenho justamente o meu serrotezinho no sacco. Assim

acabaremos mais depressa. Que logro elle vai ter!

—E' tarde!... respondeu Roberto, ainda sob a impressão dos conselhos da mãe. Tambem não temos direito de destruir o carro d'esse moço...

—Quando não se tem um direito, o remedio é tomar o, replicou Francisco n'um tom doutoral. Ainda não sabes isto? E's um pacovio! O direito... o direito... mas não poderíamos mover-nos, es atendessemos a essa palavra inventada para constranger a toda a gente: temos o direito de supprimir tudo quanto nos incommoda... E depois, para que contar historias a proposito de uma brincadeira, feita a um moço mercieiro? Vais agora ter medo do papão?

O senhor confessou-se provavelmente esta manhã a sua mamãzinha. O senhor foi reprehendido, ameaçado de ser posto a pão e agna?

—Estás dizendo tolices, respondeu Roberto muito corado.

Sou demasiado crescido para que me reprehendam, e quanto ao pão, e agna... isso é bom para crianças.

E em quanto assim fallava, prestava Roberto ao seu camarada o serviço por este pedido.

Era em summa um vehiculo pouco solido, já bastante usado. Com dois raspos de serrote, Francisco separou a delgada travessa de madeira que reunia as duas rodas. Virou rapidamente o carrinho, collocou destramente as rodas no seu lugar, de tal maneira que o carro parecia intacto, depois fugio com Roberto; a hora da entrada no collegio ia soar,

III. O carrinho quebrado

Justina entregou a roupa lavada, voltou com a suja que lhe tinham dada para lavar e verificou com grande satisfação que ninguém lhe-tinha roubado o carrinho.

Arrumou n'elles os saccos que continham a roupa e poz-se a caminhar. Porém ao primeiro movimento imprimido ao carrinho as tres rodas separaram-se e Justina com os olhos arregalados pelo pavor, deu fé de um desastre que, para ella, era pouco mais ou menos irremediavel.

Tinha-lhe custado tanto economisar os 25 francos que pagára pelo carrinho!

Que fazer? Um concerto? E onde ir buscar o dinheiro necessario?

Já de ha um mez não se alimentava senão com um pedaço de pão para poder realisar esta aquisição: tinha por signal as forças tão esgotadas como o dinheiro...

E agora era preciso carregar aos hombros essas trouxas até á rua de Vaugirard. Sem duvida acabavam de dar-lhe algum dinheiro. Mas era mister viver—era mister alimentar seus filhos. Não podia tomar um trem porque lhe ficaria muito caro.

Poderia tambem tornar a subir á casa dos seus freguezes, e estes, sem duvida, sabendo d'esta catastrophe, pagariam o aluguer do trem que a conduzisse.

Porém, Justina, muito pudorosa e muito tímida ao mesmo tempo, achava mais facil supportar todas as afflicções do que solicitar um soccorro.

Ajudada por Estevão, poz as tres rodas no carrinho quebrado, tomou as costas as trouxas de roupa e, ora arrastando, ora carregando o seu carrinho, dirigiram-se para a rua de Vaugirard. O nevoeiro, tão espesso pela manhã, desfazia-se agora em agua que cahia com abundancia, produzindo sobre as calçadas aquella lama pegajosa e escorregadia que tão difficil torna o andar.

Apesar de tudo, Justina alcançou a sua pobre e fria morada. Mas chegou ahí extenuada, com uma transpiração abundante.

IV. Arrependimento e reparação

Alguns dias depois, n'um domingo, ás 4 horas da tarde, tocava-se á porta da sr.^a Villemont. Estava sentada no seu salão escutando uma leitura que o marido

lhe fazia. A porta de communicação com a sala de jantar tinha sido substituida por um reposteiro que, apertado, deixava ver Roberto estudando á luz de um candieiro já acceso.

O sr. e a sr.^a Villemont não tinham fortuna, porém Mme. Villemont era tão habil e tinha tão gosto, que a sua habitação pareceria sempre «ornada», e apparecia sempre risonha a quem a visitava.

A creada introduziu um senhora.

—E's tu, Luiza! exclamou a sr.^a Villemont adiantando-se com os braços estendidos para a recém-chegada.

—Sim, minha querida Thereza, pensas como eu sem duvida, que nos vemos bem raramente.

Os quarteirões que habitamos ambos são tão afastados um do outro!

—E tu és tão occupada, responden a sr.^a Villemont, que eu nem sequer ouso sempre emprehender o ir ver-te.

—Sim, sou felizmente muito occupada. Tenho muitas lieções a dar na cidade, algumas em minha casa, porque é sobretudo por causa das minhas lieções centralisadas pela maior parte n'esse quarteirão, que eu continuo a habitar o rua' de Vaugirard, tão longe de ti e de algumas outras amigas. Além d'isso, o proprietario da casa que habito tem a generosidade de não se oppôr a que as minhas discipulas toquem piano na minha casa.

Por em quanto, tudo vai bem. Uma mulher não tem direito de queixar-se, quando ficando viuva, pôde educar tres filhos com o seu trabalho.

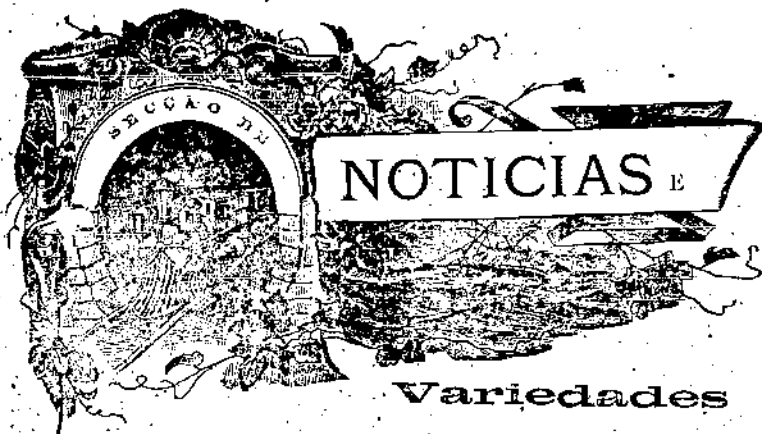
Ha outras mais infelizes do que eu! Tenho precisamente na casa em que habito, uma infeliz mãe que muito recio não se levanta mais do seu leito... lá vejo Roberto: como elle é estudioso!

—E' justamente por não ter sido estudioso durante a semana, disse o sr Villemont sorrindo, que elle é obrigado a estudar esta tarde em vez de se divertir.

Quem é essa mãe tão infeliz? perguntou a sr.^a Villemont.

—Uma lavadeira, ao que parece. Ella levava aos seus freguezes a roupa que lavava, servindo-se para isso de um carrinho. Parece que muito recentemente esse carrinho quebrou-se e ella teve que regressar de muito longe, desde a avenida de Messine...

(CONTINUA)



Variedades

Padre Antonio Malan

De volta está entre nós o Revmo. P. Antonio Malan, digno de todos os elogios e merecedor do apreço com que foi acolhido na manifestação cívica de 2 do corrente mez.

Lônga fôrã a excursão enjos precedentes pairavam na firmeza da vontade e no contraste das idéas, na hesitação de variados e na aneiosa expectativa de muitos.

E o paquinhos ergue feiros levando a todos os pontos onde toca a admiração o interesse pelos filhos das florestas, polidos já, respeitosos, correctos, e que a civilização christã tirou dos braços do mais grosseiro paganismo.

Ao tocante espectáculo o Brazil todo commove-se: os poderes dos Estados por onde passa; os representantes das companhias de transporte de mar e terra recebem-nos com satisfação, presos pela ennobecedora sympathia despertada por essas faces bronzeas representantes dum grande povo digno de melhor sorte.

Quando a idea geral achava e acha na carabina a solução da catechese, a turma dos 21 jovens boróros evidencia uma força mais potente e dominadora do que a assestada pela alça de mira, que suavisa os sentimentos rudes e molda o coração para as virtudes dignificadoras da existencia humana.

E parece que a musica pertence grande parte na educação dos sentimentos. Os Gregos nas suas fúmas lendas buscavam perpetuar a memoria dos seus heroes, das suas instituições, dos grandes homons que revestiam dos arreboes da divindade. A lenda reza que Orpheu com o som ma-

vioso da sua flauta dominava as serpentes e os animaes ferozes. Nessas lendas primitivas vaé um fundo de verdade, uma lição muito alcance.

Assim é que P. Malan vaé desenvolvendo a accção da catechese ao som do clarim e das sanfarras.

Ao fim de sua longa viagem pontilhada de dôres e das manifestações de apreço, elle vem trazendo maiores projectos, após ter feito mais palpavel os effectos da sua grande missão, escudado na Providencia, que lhe angaria animação e soccorros efficazes. Durante a sua viagem e ao chegar nesta Capital, P. Malan é saudado por auctoridades civis e ecclesiasticas.

Cuyabá, 20-12-908. Sr. Padre Malan.—Registro.—Agradecendo penhorado vossa communicação vos felicito pelo regresso com jovens boróros ao Estado para cujo progresso tanto tendes concorrido. Almejo-vos continuação progresso viagem. Cordiaes Saudações.—*Pedro Celestino*.

Goyaz, 21-12-908. Inspectores Salesianos.—Registro.—Grato saudações abenço, satisfeito optima impressão que aqui deixaram Boa viagem.—*Bispo*.

Petropolis, 6-2-909. Revmos. Padres Malan e Peretto.—Cuyabá.—O Exm. Sr. Presidente da Republica agradece seus attenciosos cumprimentos e faz votos pela feliz continuação de sua viagem e pela prosperidade de sua humanitaria missão saudações.—*Edmundo da Veiga*—Secretário da Presidencia.

Sao Paulo, 6-2-909. Padres Malan e Peretto—Cuyabá.—Agradeço telegrammas

remettidos felicitando pela feliz viagem fazendo votos pela prosperidade de sua benéfica missão. — *Albuquerque Lima*.

Acampamento Macaco 10—2—909. — Revm. Padre Malan Superior da Missão Salesiana em Cuiabá — Matto-Grosso. — Felicito-vos pelo brilhante exito da vossa missão na Exposição e pelo regresso ao seio da sociedade matto-grossense! Penhorão-me as vossas generosas palavras. As referencias de que tratais são filhas da justiça e da verdade. Oxalá pudessem todos os nossos selvagens ficar debaixo da protecção salesiana! Não teríamos hoje que lamentar as estravagantes theorias dos anthropologistas metaphisicos revolucionarios e deshumanos; que não encontraram outra solução para o problema indigena, sinão o extermínio desta raça, que elles peçanocraticamente julgão inferior, e portanto incapaz de incorporação á sociedade moderna. O problema a resolver sendo religioso, não comporta outra solução sinão a religiosa. Todos concorremos, embora por caminhos differentes, para a consecução do mesmo fim. Queirais receber, Revm. Padre Malan, as expressões de sympathia e de admiração do vosso sincero amigo, todo vosso no serviço da familia, da Patria e da humanidade. — *Condiado Marianno*.

Corumbá, 19—2—909. Revmo. Padre Malan — Cuiabá. — Penhorado, agradeço gentileza saudação, que retribui fazendo votos felicidades pessoal e prosperidades vossa importante missão. — *General Guatimosim*.

Com a devida venia d' *A Voz do Povo*, fazemos nossa a seguinte noticia:

« Como havíamos annunciado em nosso ultimo numero, chegou a esta capital o revm. sr. padre Antonio Maria Malan, digno e esforçado inspector da missão salesiana neste Estado, que foi alvo de uma significativa recepção por parte de seus amigos e admiradores.

Desde a povoação do Coxipó da Ponte o sr. padre Malan vem recebendo provas inequivocas de sympathia, tendo sido acompanhado, daquelle ponto até esta capital, por grande numero de cavalheiros que alli o foram receber, notando-se entre elles o ex.º sr. dr. João de Moraes e Mattos, digno juiz federal do Estado e ex-

presidente da comissão central encarregada da representação do Estado na exposição nacional, para a qual a missão salesiana aqui muito concorreu.

Ao chegar o numerozo cortejo ao lugar denominado Cruz do Areão, saudou ao sr. padre Malan, em nome dos seus collegas, o sexto annista do collegio salesiano, sr. Euclides de Barros, que pronunciou um bellissimo discurso.

A entrada da rua Nova, que estava bellamente ornamentada, com lindos arcos cobertos de flores e folhagens, e nos quaes notavam-se artisticos escudos e embandos de bandeirolas de varias cores, tomou a palavra o sr. Floy Hardman, Director de Terra, Minas e Colonisação, em nome da comissão encarregada dos festejos e dos cooperadores salesianos, dando as boas viudas ao padre Malan.

Em frente á casa do sr. João Marques, onde se achavam as alumnas do collegio S. Catharina, a interessante menina Maria Augusta Moreira recitou uma entusiastica poesia, sendo muito applaudida.

A entrada do collegio salesiano, de um bem preparado coreto, que alli se via, usou da palavra o sexto annista daquelle estabelecimento de ensino, sr. Olegario Moreira de Barros, saudando em vibrante discurso, ao sr. padre Malan, em nome da companhia S. Luiz de Gonzaga.

No salão do collegio, onde pessoas gradadas da nossa sociedade o esperavam, notando-se a presença de muitas familias; o sr. 1.º tenente Firmo José Rodrigues, em nome do povo cuyabano, dirigiu entusiastica e calorosa saudação ao sr. padre Malan, felicitando-o pela maneira brilhante por que a missão salesiana deste Estado figurou na exposição nacional, concorrendo para o bom exito da representação do nosso Estado.

O padre Malan, profundamente commovido, agradeceu a manifestação que lhe faziam, apontando nessa occasião as inumeras provas de sympathia que elle e os pequenos boréros receberam durante toda a sua viagem, desde as republicas do Prata, até á capital da União.

O discurso do sr. p. Malan despertou grande interesse do selecto auditorio, pelos seus multiplos e interessantes detalhes, tendo sido, ao terminar, festejado com uma prolongada salva de palmas.

Logo depois do discurso do padre Malan, antes começar as evoluções militares,

tomou a palavra o illustrado sr. padre Manoel Gomes de Oliveira, dizendo que ia offerecer o espectáculo de exercícios militares feitos pelos alumnos daquelle estabelecimento que, de accordo com as instrucções legais, punha em pratica o regulamento do alistamento militar, referente aos collegios equiparados ao gymnasium nacional; que a directoria daquelle estabelecimento, assim procedendo, tinha em vista preparar os seus jovens discipulos para defeza nacional, dando-lhes a instrucção técnica militar.

Em seguida realisaram-se varias evoluções militares por uma columna de alumnos do lyceu salesiano, sob o commando do sr. 2.^o tenente Gonçalo Rodrigues, instructor nomeado pelo governo federal.

Depois de terminadas aquellas evoluções, o conhecido orador sr. dr. Carlos Jorge Sallaberry saudou ao instructor e á columna respectiva, chamando a attenção dos presentes para mais este serviço prestado pela missão salesiana, que, não só instrue o espirito da mocidade, como tambem incute-lhe no coração o sagrado amor da Patria, preparando-os para a sua defeza.

O dr. Sallaberry, como os oradores de que já fizemos menção, foram bastante applaudidos.

Durante o trajecto do Areão até o Lyceó e durante todos os actos que alli se realizaram, tocaram tres bandas de musica, a do 8.^o batalhão de infantaria, do Sr. João Marinho da Fonseca e a do collegio salesiano.

Associando-nos á justa manifestação de apreço com que foi recebido o sr. padre Malan, apresentamos-lhe tambem as nossas saudações de boas vindas.

— Em companhia do sr. padre Malan, veia de S. Paulo, o rev.^{mo} sr. padre Carlos Peretto, inspector da missão salesiana nos Estados de S. Paulo, Minas e Rio.

Visitamol-o. »

Em defeza dos indigenas brazileiros

TELEGRAMMA ABERTO AO DR. LACERDA,
DIRECTOR DO MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

Aos vossos patrioticos protestos da corporação do Museu Nacional, do Dr. Sylvio de Almeida e de Luiz Bueno Horta Barbosa, venho juntar os meus com toda força de indignação da minha alma contra a extravagante, deshumana e falsa opinião do Director do Museu de São Paulo a respeito

da existencia dos indios d'aquelle Estado e de sua capacidade como elementos de trabalho e de progresso, pregando abertamente o assassinato atrevido de milhares dos nossos mais legitimos patriotas com a escandalosa injustiça de tomar-lhes as poucas terras que ainda lhes sobram sob o usurpador pretexto de colonisação das suas terras, onde implantariam industrias que maior perigo nos causariam, pela dissolução dos nossos habitos nacionaes, do que a conservação dos nossos selvagens dentro das suas terras virgens e puras.

Do meio deste sertão immenso, só povoado por Parecis, Cabixis, Tapanhuas, Bacatris, Cajabís e Nhambiquaras, do centro do noroeste brasileiro, donde se refugiaram os legitimos filhos da Patria de José Bonifácio, Tiradentes e Benjamin Constant, afim de se furtarem ao captivo e extermínio dos *Ihering* de todos os tempos, eu venho, «Sr. Director,» demonstrar que os indios, quesequer que elles sejam, são susceptiveis como o mais dedicado occidental, de amor e de bondade, para não fallar na sua intelligencia, são communmente conhecida desde os tempos coloniaes, como attestaram a vida e as obras dos mais eminentes brasileiros que, em todos os ramos da actividade humana, deram exuberantes provas de sua capacidade intelligencial, pois nós não somos puramente descendentes só de europeus, nem de africanos!

Diziam me que os Nhambiquaras eram anthropophagos e incapazes de qualquer manifestação; pois bem: esta commissão aqui se acha hoje sem nenhum receio delles, apesar destes indios terem vehementemente protestado e com sobeja razão, contra a nossa invasão.

Bastou, entretanto, a nossa demonstração de amizade e de bondade para que elles suspendessem as hostilidades que sempre mantiveram contra os deshumanos seringueiros que iam queimando as suas aldeias e assassinando traiçoeiramente aos legitimos donos das terras para roubar-lhes o socco e a conservação das suas mais legitimas tradições.

Os Parecis e os Cabixis aqui se acham, em torno de nós, prestando os melhores e os mais importantes serviços que, de modo nenhum, obtemos de elementos estrangeiros.

Como elles, procederam anteriormente os valentes Boróros, hoje sob a piedosa

protecção dos reverendíssimos padres da missão salesiana deste Estado.

Todos tem capacidade bastante para as artes quaesquer; para a industria, como provam seus trabalhos rudimentares de toda a sorte; para assimilar as sciencias desde que a elles facilitemos uma educação esmerada.

Não são elles nem mais barbaros nem mais deshumanos do que os que, se proclamando civilizados, não trepidam empregar o extermínio de uma raça inteira a pretexto de progresso e de civilisação!

E' a eterna lucta de feroz egoismo contra as mais nobres aspirações do altruismo!

Interpretando fielmente os sentimentos dos brasileiros que habitam esta banda do Brazil, denominada Matto-Grosso, proclamam bem alto que nós não concordaremos jamais com semelhante atrocidade, ajuda mesmo que tivéssemos para isso de morrer esmagados pela massa inteira dos interessados pelo modernismo dissolvente do século.

Acceptai, Sr. Dr., os protestos de consideração do vosso concidadão, todo vosso no serviço da família, da patria e da Humanidade.

Condiado Mariano Rondon, Tenente-Coronel de Engenharia.

Os horóros

Acompanhado pelo revmo. padre Helvécio Gomes e por alguns de seus queridos indiosinhos horóros, deu-nos hontem o prazer de sua visita o revmo. padre Antonio Malan.

O benemerito missionario parte amanhã para Campinas, com direcção a Matto-Grosso, levando consigo a banda de musica formada de pequenos indígenas.

Foi de innegavel alcance o excursão que está a terminar. Prova pratica de que pode a missão civilizadora da Igreja, ella chamada pela catechese empreendida pelos salesianos a attenção de todo o paiz. Contra a deshumana opinião dos que têm a triste coragem de pregar a exterminação dos aborígenes, levantou-se o padre Malan para mostrar um punhado de indios civilizados pelo caridoso processo do christianismo.

E o povo brasileiro, de indole tão doce e amavel, num movimento de irresistivel sympathia, lavrou o seu «verdictum optatum» pelo remedio que a sua religião apresentava. Em S. Paulo, sobretudo, é-nos grato registrar, as sympathias, foram unanimes e

intensamente manifestadas, não só por palavras, que prestam o concurso de sua forma moral, mas ainda pelo recurso material indispensavel ao gigantesco empreendimento do reyno. padre Malan.

Abriam-se as portas dos palacios. Os exmos. sr.s. Arcebispo Metropolitano, e presidente e secretarios do Estado e prefeito municipal esmeraram-se em carinhosos applausos e auxilios. O commercio e grande numero de exmas, familias acudiram presurosos ao appello da commissão promotora de um festival em beneficio dos horóros, e si esta não teve o realce que tudo fazia prever, nem rendem o que era de esperar, deva-se isso á terrivel constancia com que o perseguia o mau tempo.

Como quer que seja, a excursão do revmo. padre Malan e seus queridos horórosinhos, teve o grande merito de chamar a attenção do paiz para um problema de indiscutivel importancia, qual o da incorporação á vida nacional de um grande numero de brasileiros com irrecusavel direito a isso.

O «S. Paulo», que de ha muito acompanhava, com o maximo interesse, os progressos do grandioso empreendimento do rev. Padre Malan e seus dignos irmãos de habito, ergue fervente prece ao Altissimo para que seja feliz a viagem do benemerito missionario e seus companheirinhos horóros e augmente sempre a missão salesiana em Matto-Grosso.

— O revmo. padre Malan recebeu do Rio o diploma de socio do Instituto Historico e Geographico do Brazil.

— Hoje no Santuario do Coração de Jesus, realiza-se, ás 8 horas da manhã, solenne cerimonia religiosa, que constará de missa e «Te-Deum» em acção de graças por todos quantos auxiliaram a missão do padre Malan, sendo celebranté o revmo. arcebispo dr. Francisco de Paula Rodrigues.

— Realizar-se-á por essa occasião, o baptismo de alguns dos pequenos indios, sendo padrinho o sr. presidente da Republica representado pelo sr. conselheiro Duarte de Azevedo, e madrinhas as exmas. sr.as. d.d. Helena de Albuquerque Lins e Maria de Paula Ramos Nogueira.

(Do São Paulo)

A esquadra Inglesa

Às 7 e meia da manhã de 1. Dezembro entrou no porto do Rio a esquadilha

ingleza sob o commando do vice-almirante Percy Moreton Scott, composta dos cruzadores couraçados «Good Hope», «Antrim», «Carnarvon» e «Devonshire», vindo da colônia do Cabo.

Ao franquear a entrada foram trocadas as salvas do estylo entre o navio capitanea e os vasos de guerra brasileiros.

O cruzador couraçado «Good Hop» (typo «Drake»), capitanea da divisão, foi lançado ao mar em 1902 dos estaleiros de Fairfield.

E' um bonito navio de dois mastros e quatro chaminés. Desloca 14.100 toneladas e dispõe de duas machinas de quatro cylindros, triple expansão invertida, systema Yarrow-Schleck-Tweedy, desenvolvendo a força de 30.000 cavallos que lhe permitem a velocidade de 23 nós por hora.

O «Devonshire» o «Carnarvon» e o «Antrim», formam com o «Roxburgh», o «Hampshire» e o «Aggil» uma série homogenea. A' parte pequenos detalhes, relativos ás caldeiras, são perfeitamente identicos uns aos outros.

Têm tambem dois mastros e quatro chaminés. Deslocam 10.850 toneladas e dispõem de duas machinas de 21.000 cavallos, podendo desenvolver a velocidade de 23 nós. Os dois primeiros têm caldeiras Niclausse; as do Antrim são, porém, do systema Yarrow.

A essa divisão justar-se-á o cruzador «Pelorus» que ha dias se acha em aguas do Brazil.

No Rio preparam-se pomposas festas em honra da offeildade da esquadra.

O «Jornal do Commercio» publicou uma pagina e meia de noticias em inglez, dedicadas aos marujos britannicos.

Novo aparelho

No Instituto vaccinico do Districto Federal foi inaugurado um novo aparelho de encher tubo de vaccina, trazido ultimamente da Europa pelo barão de Pedro Affonso.

Em 10 minutos foram cheios 2500 tubos de vaccina com a maior facilidade.

Este aparelho corresponde a uma necessidade ha muito reconhecida, de encher de uma só vez grande quantidade de tubos, principalmente em um estabelecimento de preparo de vaccina como o nosen, que distribue mensalmente centenas de milheiros de tubos de vaccina.

Os medicos e pessoas que se interessarem por este assumpto, poderão, quando quizerem, ver funcionar o aparelho no Instituto, todas as manhãs.

A esquadra Inglesa

Demandando directamente Montevideo, deixaram ante-hourem ás 7 horas da noite, como estava annunciado, o porto do Rio os quatro cruzadores inglezes que constituem a divisão commandada pelo vice-almirante Percy Scott.

Os navios navegavam observando a seguinte ordem: á frente o capitanea, o «Good-Hope», que se fazia seguir do «Devonshire» e do «Carnarvon», indo na recta-guarda o Antrim.

A divisão ingleza terá pequena demora em Montevideo, dahi partindo directamente para Gibraltar, onde o sr. vice-almirante Percy Scott, em virtude de sua recente promoção, passará o referido commando a um contra-almirante.

Ao que nos informam, o almirante Percy Scott espera que o governo de seu paiz modifique o itinerario da divisão sob o seu commando.

Caso isso se dê, a referida divisão ao partir de Montevideo irá a St. Vicente, depois a Tenneriff e por ultimo então a Gibraltar onde ficará estacionada.

O almirante Scott enviou ao «Jornal do Commercio», por intermedio do ministro inglez, a seguinte mensagem:

«Com pesar temos que dizer adeus ao Brazil, cujo caloroso acolhimento dispensado á esquadra, foi tão vivamente apreciando pelos officiaes e marinheiros, e que si é possivel, concorrerá para mais fortalecer os sentimentos de cordial amizade que já existem entre o Brazil e a Grã-Bretanha, duas nações cuja maxima ambição é a paz.

A marinha de guerra brasileira, de ha tempos immemoriaes está ligada a officinas da marinha ingleza, e por isso, com muita satisfacção vemos o grande progresso que ella está fazendo e que dentro em pouco será augmentada com tres dos maiores, dos mais fortemente armados, dos mais modernos navios do mundo.

Somos gratos á Republica Brasileira pela honra que nos dispensou o presidente fazendo uma visita á esquadra, honra que será vivamente apreciada na Inglaterra.

Tivemos um grande prazer em que nos fossem mostrados os melhoramentos re-

centemente feitos na capital e a actividade que, ainda se manifesta no sentido do progresso, deixa ver que o Rio de Janeiro, em um proximo futuro será a mais bella cidade do mundo.

Separamo-nos de vós com todos os melhores votos pelo vosso bem-estar e levamos connosco uma lembrança inapagavel e o alto apreço das bellezas do vosso paiz e da hospitalidade dos seus habitantes.»

Petição monstro

Lemos no jornal francez «L'Univers» que no dia 6 de Novembro p.p. devia ter sido apresentada á camara dos deputados em Londres uma petição monstro, medindo nada menos de 13 kilometros de cumprimento.

As 750,000 assignaturas que cobrem esta importante fita de papel são os resultados obtidos pela Alliança protestante com o fim de conseguir a nomeação de uma comissão de inquerito, encarregada de estudar as instituições conventuaes e monasticas existentes na Inglaterra e apresentar um projecto de lei para regulamen-tar essas instituições.

O deputado Solan de Belfast é o encarregado de apresentar essa petição.

Pensaram primeiramente em não fazer mais que um só rolo de todas essas petições colladas uma á outra; mas o peso teria attingido cerca de 700 kilos. Preferiram então fazer 50 rolos de 13 kilos cada um, que seriam armazenados pelos porteiros junto á grande mesa do parlamento.

Veremos o que sahe dessa enorme petição que desenrolada sobre os trilhos da companhia ingleza iria da estação da Luz até a de São Caeetano, cerca de 2 leguas.

O Sol

São do grande astro, fôco de luz, calor e vida os seguintes effeitos:

O seu calor mantém os tres estados dos corpos: solido, liquido e gazoso; os dois ultimos evolar-se-iam e não haveria sinão corpos solidos; a agua e o proprio ar seriam talvez massios blocos si o calor solar os não mantivesse no estado fluído.

E' o sol que aquece o ar, que mantém liquida a agua, que provoca a tempestade, que faz cantar o rouxinol na floresta. E' elle que liga as montanhas, os rio e os regatos, que forma as geleiras e as cataractas. O trovão e os relampagos são uma manifestação do seu poder. Tudo o que

arde, toda a chamma que brilha receberam a sua vida do sol. O sol vem até nós sob a forma de calor, deixa-nos sob a forma de calor, e, entre a sua chegada e partida, faz nascer as diversas potencias do globo.

O sol faz germinar, crescer e madurecer as messes e dá-nos, por consequencia, o pão que nos sustenta; o vinho que tinge as nossas faças vem delle ainda e o alcool é por igual uma forma do seu calor, desse benéfico calor que elle lança em ondas sobre a terra.

A hulha é apenas uma forma das antigas florestas que o sol fez crescer no nosso globo, e que, por uma providente reserva, a Providencia occultou por muito tempo aos nossos olhares para impedir sua prompta dissipação.

A acha que arde nas nossas lareiras é, tambem, uma manifestação do sol, porque a floresta não poderia reverdecer sem elle, e, quanto mais o poder do sol se faz sentir, mais a floresta se torna vigorosa.

CONTRA AS NEURALGIAS

Affirma Leslie que o sal pulverizado (em pitadas ou insuflado no nariz) é um remédio infallivel contra as neuralgias e ocephalagias de toda a casta. Na maioria dos casos, accrescenta elle, a sua acção é quasi instantanea.

CONSERVAÇÃO DAS BATATAS

Diz um illustrado membro da Sociedade de Horticultura de França, n'uma nota dirigida a essa sociedade, que em muitas occasiões tem recebido de Argel as batatas em estado de decomposição, mas que, mercê de um processo muito simples, podem conservar-se e transportar-se a grande distancia. Consiste o processo unicamente em polvilhar as batatas com cal moída.

Provavelmente os effeitos da cal serão absorver a humidade, impedindo a putrefacção, e tambem destruir os germes que, segundo as observações de Pasteur, intervem nas fermentações.

A safra de borracha e cacau do Amazonas, de Julho de 1907 a Junho ultimo, produziu 36.861.000 kilos, cujo valor, calculado na média ao cambio de 15,17/32 montou em réis 157.640.400\$000.

OBSERVAÇÕES FEITAS AS 0^h M. DE GREENWICH NA ESTAÇÃO CENTRAL DE RIO DE JANEIRO E TRANSMITTIDAS DIARIAMENTE AO OBSERVATORIO

"D. Bosco"

Lat.—22° 54' 32" S. Long.—43° 10' 34" W Grw. Altitude—64^m,159
Hora local 9 h. 07^m a.

Dezembro 1908	BAROMETRO A 0°		TERMOMETRO						VENTO		ESTADO ATMOSFERICO	METEOROS	NUVENS QUANTIDADE	CHUVA
	Secco	T - T'	UMIDADE RELATIVA	TENSÃO DO VAPOR	MÁXIMA	MÍNIMA	OSCILLAÇÃO DA TEMPER.	DIRECÇÃO	FORÇA (ESCA- LA BEAUFORT)					
1	53.90	29.3	5.7	59.5	18.15	30.8	23.0	7.8	N	2	b	ntb	5	
2	52.30	30.1	5.8	60	19.02	34.8	24.9	9.9	NW	3	b	ntb	8	
3	53.70	29.0	5.2	91	19.28	30.5	25.1	5.5	N	3	b	x	9	
4	57.00	23.2	1.0	63	20.01	32.6	25.9	6.1	SSE	3	i	chs	10	
5	54.10	27.6	3.6	73	19.96	26.5	22.0	4.5	N	3	m	ntb	1	
6	53.00	26.4	2.4	81	20.70	29.1	22.8	6.3	NNW	1	b	ntb	0	
7	56.50	24.0	2.2	81	18.10	30.0	21.8	8.2	SSE	4	i	chs	10	
8	57.80	24.6	4.6	63	14.57	24.5	21.0	3.8	SE	5	b	x	4	
9	56.50	22.2	0.8	93	18.48	24.6	20.7	3.9	NE	2	enc	ntb	10	
10	56.80	21.8	2.6	77	14.35	23.7	19.0	4.7	ESE	2	i	x	16	
11	54.20	20.2	0.9	91.5	16.09	23.2	18.8	4.4	S	2	en	ch.	10	
12	59.00	21.0	1.2	80	16.41	23.5	19.5	4.0	W	1	i	chs	10	
13	57.40	20.9	1.2	89	16.31	22.0	19.4	2.6	NNW	2	enc	x	10	
14	57.90	22.9	2.6	82	17.04	23.3	18.7	4.6	ENE	2	i	ntb	10	
15	56.80	24.3	1.6	86	19.51	24.5	20.0	4.5	N	3	b	ntb	6	
16	56.10	26.8	3.2	75	19.69	27.3	20.9	6.4	N	2	b	ntb	6	
17	55.30	26.2	2.3	81	20.74	31.5	22.6	8.9	N	2	enc	ntb	10	
18	56.40	28.8	4.0	70	20.83	28.6	22.5	6.1	E	2	b	ntb	8	
19	54.70	28.6	4.4	68	19.74	30.0	23.2	6.8	WNW	4	b	x	8	
20	54.70	28.6	3.2	76	22.13	33.9	23.5	10.4	N	1	b	x	4	
21	53.66	29.0	3.6	73	21.88	30.8	23.8	7.0	SSE	4	b	x	9	
22	57.20	27.6	2.6	80	21.94	31.0	20.0	9.0	NNE	2	b	ntb	9	
23	56.70	28.4	3.0	77	22.25	23.4	23.6	5.4	ENE	2	b	ntb	2	
24	54.40	25.6	5.6	57	13.95	31.0	24.3	6.7	N	3	b	nt	0	
25	57.10	31.0	5.3	63.5	21.25	33.3	25.1	8.2	NE	2	b	x	3	
26	58.10	29.0	4.2	69	20.71	31.0	25.5	5.5	NE	3	b	x	3	
27	56.30	27.7	4.8	64	17.78	30.1	24.0	6.1	—	0	b	x	0	
28	55.20	29.0	4.2	69	20.71	31.4	23.1	8.3	NW	3	b	nev	1	
29	56.70	29.3	4.8	69	20.89	34.3	23.2	4.1	NE	2	b	x	2	
30	56.10	29.6	3.9	79.5	18.48	29.4	24.5	4.9	ENE	1	b	x	7	
31	57.40	24.8	2.2	82	19.02	28.5	21.5	7.0	NNE	1	i	x	10	
MED.	55.93	28.2	3.2	76	19.01	28.7	22.4	6.3	—	24	—	—	66	

Observações particulares

Distinguiram-se por ch. e chs. intercalados os dias 3, 4, 6, 7, 8, 11, 12, 14, 19, 20.

Notaram-se trov. e rel. em direcções varias nas tardes dos dias 7, 18, 19, 20, 21, 22, 29, 30, 31.

Observatório meteorológico "D. Bosco"

DEPENDENTE DO LYCEU SALESIANO DE ARTES E OFFÍCIOS

Em Cuiabá, Estado de Mato-Grosso, Director Padre M. G. de Oliveira e Secretario Padre J. M. Thannhuber

Observações feitas durante o mez de Novembro de 1908.

ALTITUDE DA LOCALIDADE: 235^m.02 LATITUDE: 15° 35' 49" LONGITUDE: 12° 50' 7" (Occ. do Rio.)

N. DE OBSERVAÇÕES POR DIA: ÀS 7 a. m., ÀS 2 e 9 p. m. HORA LOCAL

TABELLA I

Novembro 1908	PRESSÃO BAROMETRICA reduzida a 0° cent. + 700 ^m /m					TEMPERATURA CENT. A' SOMBRA				TEMP. sol Oscillação	HUMIDADE relativa			
	7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Media	Oscil.	Media	Max.	Min.	Oscil. da temp.		7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Media
1	46.09	44.27	44.55	44.97	2.82	27.8	31.2	24.5	6.7	2.4	77.5	91	88	85.5
2	45.33	43.80	43.30	44.14	2.93	25.1	26.5	23.7	2.8	2.0	91	88	87	88.
3	44.19	42.89	43.19	43.42	1.31	26.6	29.2	24.0	5.2	6.4	86	73	87	82.
4	44.63	43.50	45.15	44.41	1.65	28.6	30.3	26.9	3.4	1.3	91	75	85	83.3
5	46.72	45.67	45.60	45.99	1.12	24.1	26.2	23.0	4.2	7.9	91	85	90	88.6
6	45.57	43.29	44.10	44.32	2.28	26.0	28.5	23.5	5.0	8.7	91	75	85	83.6
7	43.67	42.54	42.53	42.91	1.14	26.9	30.3	23.5	6.8	8.5	98	70	81	83.0
8	44.68	42.17	43.17	43.34	2.51	28.5	32.0	25.4	7.0	8.0	84	64	77	75.0
9	44.05	40.82	41.77	42.21	3.23	28.0	32.5	23.5	9.0	5.0	83	58	72	71.0
10	43.54	42.40	43.65	43.19	1.25	29.1	30.4	27.8	2.6	14.6	78	60	70	69.3
D ^a 1	44.85	43.13	43.70	43.90	1.93	27.0	29.7	24.4	5.2	5.3	87	73.9	82.2	80.9
11	44.69	42.45	44.84	43.99	2.39	29.1	30.4	27.8	2.6	10.4	87	69	72	75.
12	44.50	44.04	44.02	44.18	0.48	26.1	29.0	24.0	5.0	7.2	35	69	80	78.
13	44.78	43.94	43.09	43.60	1.69	26.7	29.3	24.2	5.1	6.5	85	61	73	73.
14	46.05	45.69	44.73	45.49	1.32	25.6	29.0	22.2	6.8	2.7	90	86	90	86.6
15	46.34	43.91	45.48	45.24	2.43	26.7	29.3	22.2	7.1	8.6	86	75	85	82.
16	45.68	44.29	44.43	45.13	1.39	26.4	30.7	22.2	8.5	12.0	89	66	75	76.6
17	46.19	45.00	44.87	45.35	1.32	25.8	29.5	22.2	7.3	10.6	90	74	81	81.6
18	45.54	42.77	43.68	43.39	2.77	27.7	31.0	24.5	6.5	8.6	87	63	83	77.6
19	45.34	42.59	43.63	43.85	2.75	27.2	29.5	25.0	4.5	6.6	81	68	76	75.0
20	44.73	42.18	43.75	43.55	1.57	27.0	30.0	24.0	6.0	9.4	88	66	80	74.6
D ^a 2	45.38	43.68	44.35	44.63	1.81	26.7	29.7	23.8	5.9	8.1	86.8	70.4	79.5	78.2
21	44.74	43.13	45.49	44.45	2.36	26.7	30.0	23.5	6.5	6.1	85	89	90	88.0
22	46.98	45.32	46.30	46.35	1.66	23.1	25.0	20.9	4.4	2.4	91.	84	79	84.6
23	46.41	45.64	44.87	45.64	1.54	28.2	31.5	24.6	7.2	10.0	85	60	75	73.3
24	45.13	44.22	43.78	44.37	1.35	28.4	29.2	27.7	1.5	10.0	85	60	80	75.0
25	44.63	42.87	42.86	44.45	1.77	27.4	31.4	23.4	8.0	16.0	83	62	80	75.0
26	44.06	43.31	42.88	43.41	1.18	27.3	31.2	23.4	7.8	9.1	86	61	77	74.6
27	43.66	42.76	42.35	42.92	1.31	28.5	30.5	26.5	4.0	7.3	82	64	77	74.3
28	44.35	42.97	43.11	43.48	1.38	28.4	31.8	25.0	6.8	10.4	87.5	81	82	80.1
29	44.41	42.27	42.55	43.07	2.14	28.5	30.8	25.2	5.6	9.9	83	68	79	76.6
30	44.92	42.60	42.65	43.19	2.92	29.0	32.3	25.7	6.6	8.7	84	58	88	73.0
D ^a 3	44.92	43.44	43.73	44.03	1.76	27.5	30.4	24.5	5.8	8.4	84.1	68.7	79.6	77.4
Mez.	45.05	43.41	43.92	44.18	1.83	27.0	29.0	24.2	5.6	7.7	85.9	71.0	80.4	78.5

Observatorio meteorologico "D. Bosco" — Curitiba

TABELLA II

Novembro 1908	VENTO Direcção—Força						NEBULOSIDADE Forma—Fracção				CHUVA Quantidade	EVAPORAÇÃO em 24 horas		
	7 a. m.		2 p. m.		9 p. m.	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	Media	Abrig.		Exp.		
1	NW	1	NW	1	—	0	SK	6 Kn	10 Kn	10	8.6	—	2.2	4.3
2	SW	4	E	1	W	1	KN	10 »	10 S	6	8.6	13.1	2.3	5.1
3	—	0	N	5	N	1	CN	10 »	10 SCu	10	10.0	95.5	0.3	0.9
4	—	0	E	1	—	0	K	10 Kn-C	8 SKu	10	9.3	62.5	0.4	4.1
5	N	4	W	1	—	0	N	10 NK	10 Kn	10	15.0	20.0	1.0	3.2
6	—	0	S	4	S	1	Ks	95 Kn-C	8 »	10	9.1	7.9	0.0	1.0
7	—	0	N	1	—	0	Kn	7 Kn	8 Ke	55	6.8	—	0.1	4.7
8	N	1	SE	1	—	0	CK	7 Kn-C	7 Ns	9	7.6	—	1.2	7.2
9	NW	1	SW	1	SSE	1	CS	7 Ke	5 Cs	6	6.0	—	0.6	5.8
10	N	3	NNE	1	N	8	C	7 »	6 Kn	1.0	7.6	11.4	2.7	7.5
D: 1	N	1.4	Var.	1.7	N	1.2	var.	8.3	Kn 8.2	Kn 8.6	8.3	21.0	10.8	43.8
11	—	0	NNW	1	SE	1	Kn	10 C-K	7 Kn	10	9.0	5.6	1.6	4.0
12	NE	4	NW	7	N	1	Sc	9 KCs	10 Ks	3	7.3	—	0.7	4.3
13	N	4	N	8	—	0	Kn	10 Kn	10 »	3	7.6	—	1.4	5.4
14	NW	1	N	1	—	0	Kn-C	8 Kn-C	10 Ke	4	7.3	56.8	2.2	5.8
15	N	1	E	1	—	0	C-Kn	9 Kn	10 Kn	10	9.6	—	0.2	1.0
16	NNW	1	—	0	N	8	Kn	10 K-SC	7 »	8	8.3	16.2	0.5	4.4
17	—	0	—	0	ESE	1	Sc	10 »	9 Ns	5	8.0	—	0.8	4.4
18	—	0	NNW	1	ESE	1	Ke	2.5 Ke-S	6 N	5	6.5	—	0.6	3.5
19	NNW	4	NW	3	N	2	Cs	16 KeN	10 Kn	8	9.3	15.7	5.4	7.2
20	—	0	NW	2	N	6	NSc	10 Ke-S	7 Ks	8	8.3	—	1.0	3.5
D: 2	N	1.2	N	2.4	N	2.0	Kn	9.4	Kn 8.6	Kn 6.4	8.1	94.0	14.4	43.5
21	N	2	—	0	N	1	SKu	10 Ken	10 Kn	10	1.0	58.5	1.3	5.5
22	SW	3	S	1	—	0	N	10 Kn	10 N	7	9	2.2	0.0	1.2
23	—	0	S	1	—	0	C	85 K	5 S	0.5	4.6	—	0.2	1.4
24	—	0	NW	1	NW	1	C	95 CK-N	5 —	0	4.8	—	1.5	7.0
25	NW	2	NNE	1	N	2	C	6 K	6 N	7	6.3	—	1.8	7.6
26	NNW	5	S	2	NW	1	Ns	9 Cs	5 N	8	7.3	—	1.4	5.0
27	NW	4	—	0	N	1	SCu	10 Ks-C	8 Kn	7	8.3	15.6	1.0	3.0
28	SE	1	—	0	NNE	4	Sc	10 Kn-C	8 »	8	8.6	0.2	1.6	5.9
29	E	4	—	0	—	0	Cu	10 Kn-S	9 Cs	8	9.0	—	1.3	5.1
30	N	6	N	4	—	0	Cs	10 KnCs	6 Cu-S	6	7.3	—	2.4	10.2
D: 3	N	2.7	S	1.0	N	1.0	C	9.3	Kn 7.2	KN 6.1	7.5	76.0	12.5	51.3
Mez	N	1.7	N	1.7	N	1.6	var.	9.0	Kn 8.6	KN 7.3	7.9	38.1	37.7	138.6

OBSERVATORIO METEOROLÓGICO "PRESIDENTE ANTONIO PAES DE BARROS"

Dirigido pelos **El. R. P. P. Salesianos em Araguaya — Mato-Grosso**

Observações feitas durante o mez de Setembro de 1908

Altitude approximada da Localidade: 488, m — Latitude approximada: 15° 3' S.

Longitude approximada: 8° 2' (W do Rio)

Nº de observações por dia: as 6 a. m., as 2 e 8 p. m. hora local

TABELLA I

Setembro 1908	Pressão barométrica reduzida à 0° cent. + 760 ^{mm} /m					Temperatura centigrada à sombra				TEMP. ao Sol - Oscil.	Humidade relativa			
	6 a.m.	2 p.m.	8 p.m.	Mediã	Oscil.	Mediã	Max.	Min.	Oscil. da temp.		6 a.m.	2 p.m.	8 p.m.	Mediã
1	21.73	19.48	20.08	20.43	2.25	24.50	29.0	20.0	9.0	24.0	88.0	74.0	86.0	82.6
2	22.4	21.65	23.62	22.55	1.97	25.00	29.0	21.0	8.0	21.0	91.0	75.0	90.0	85.3
3	24.48	22.76	23.22	23.48	1.73	24.35	27.8	20.9	6.9	18.2	89.0	74.0	86.0	83.0
4	23.58	21.83	22.92	22.79	1.75	24.50	26.8	20.2	6.6	20.0	90.0	76.0	80.0	83.3
5	23.80	21.42	22.40	22.54	2.35	23.50	27.0	20.0	7.0	20.6	91.0	83.0	89.0	87.6
6	22.46	20.82	20.26	21.11	2.29	22.80	26.0	19.6	6.4	19.0	88.0	79.0	91.0	89.3
7	21.79	21.80	22.17	21.92	0.88	23.50	28.0	22.0	7.0	20.0	90.0	90.0	91.0	90.3
8	20.82	19.63	20.42	20.49	1.19	23.50	27.0	20.0	7.0	19.0	88.0	73.0	90.0	83.6
9	20.85	19.15	20.15	20.05	1.70	24.80	29.0	20.6	8.4	20.8	89.0	82.0	88.0	86.3
10	23.53	20.61	22.12	22.06	2.92	24.85	28.0	21.7	7.3	22.8	92.0	90.0	91.0	91.0
Dº 1	22.52	0.89	21.74	21.72	1.84	24.53	28.86	20.60	7.36	22.64	89.6	80.6	89.1	84.7
11	24.20	21.98	23.46	23.29	2.42	26.25	29.0	24.7	3.3	21.6	92.0	74.0	92.0	86.0
12	24.37	22.23	23.49	23.36	2.14	25.40	29.0	21.8	7.2	25.0	84.0	62.0	78.0	74.6
13	21.43	21.65	23.30	23.12	2.78	25.40	28.8	22.0	6.0	22.0	81.0	62.0	76.0	73.0
14	24.14	22.16	23.79	23.36	1.93	23.90	27.0	20.8	6.2	24.0	75.0	93.0	91.0	86.3
15	24.35	21.48	23.21	23.01	2.87	25.25	29.0	21.5	7.5	18.0	88.0	73.0	92.0	84.3
16	24.78	21.46	23.77	23.33	3.92	25.75	29.6	21.9	7.7	15.0	89.0	73.0	90.0	80.6
17	24.20	22.25	23.78	23.41	1.95	25.10	28.8	21.4	7.4	16.0	89.0	59.5	80.0	79.0
18	24.94	22.18	23.98	23.70	2.78	25.40	29.0	21.8	7.2	20.0	89.0	90.0	92.0	90.3
19	25.69	22.28	24.61	24.19	3.41	25.30	28.6	22.0	6.6	15.0	93.0	92.0	97.0	94.0
20	25.83	21.48	23.62	23.61	4.35	25.40	28.0	22.8	5.2	13.0	92.0	74.5	92.0	86.1
Dº 2	24.71	21.92	23.69	23.63	2.79	25.31	28.58	22.07	6.43	19.26	87.2	75.3	88.9	83.4
21	21.61	13.30	19.10	19.67	3.31	27.80	30.6	25.0	5.6	21.0	89.0	53.0	81.0	74.3
22	20.31	17.23	19.65	18.86	3.08	26.40	29.0	23.8	5.2	13.0	57.0	54.0	75.0	72.0
23	22.41	18.66	19.92	20.88	3.75	27.50	30.4	24.6	5.8	12.0	58.5	69.5	79.0	66.0
24	21.41	18.62	19.75	17.59	2.79	25.10	30.2	25.0	5.2	13.0	47.0	64.0	73.0	74.6
25	21.45	18.45	19.76	19.83	3.00	26.20	30.4	22.0	8.4	16.0	99.0	75.0	86.0	83.6
26	20.99	18.16	20.15	19.76	2.83	26.00	30.0	22.0	8.0	15.0	84.0	62.0	78.0	74.6
27	21.63	18.59	19.80	20.34	2.04	24.40	31.8	25.0	6.8	17.0	89.0	59.0	76.0	76.6
28	21.39	18.46	19.89	19.91	2.93	27.25	32.5	22.0	10.5	15.0	96.0	80.0	74.0	81.3
29	21.25	18.45	20.10	20.03	3.15	26.40	29.0	23.0	6.0	9.0	81.0	62.0	73.0	73.0
30	21.60	18.66	19.72	19.89	2.63	25.80	28.9	22.7	6.2	19.0	78.0	63.0	84.0	75.0
Dº 3	21.42	18.45	19.62	19.62	2.95	26.64	30.28	23.51	6.7	15.06	83.4	64.1	77.3	74.9
Mez	22.88	20.42	21.48	21.68	2.52	25.49	29.24	22.06	6.8	18.98	80.7	73.0	85.1	82.3

Observatorio meteorológico "Presidente Antonio Paes de Barros"

TABELLA II

Setembro 1968	Vento						Nebulosidade				Chuva Quantidade	EVAPORAÇÃO	
	Direcção—Força			Forma—Fracção				em 24 horas					
	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	Media	Abrigo	Exposto				
1	SE 3	SSE 8	SE 3	SK 3.0	K 6.0	SC 4.0	4.33	—	2.0	6.8			
2	calma 0	SW 3	SSW 4	SC 4.0	S 4.0	SK 8.0	6.00	—	1.8	5.9			
3	S 4	» 7	» 1	S 1.0	SK 7.0	SC 3.0	3.66	—	2.4	6.3			
4	SW 3	NW 5	SE 6	SC 4.0	» 7.0	S 2.0	4.33	—	1.6	3.8			
5	SE 1	» 6	S 3	SK 3.0	» 6.0	SC 4.0	4.33	—	2.4	7.6			
6	SSE 4	SW 5	» 2	» 5.0	SC 7.0	» 3.0	5.00	—	2.0	6.9			
7	SW 7	S 3	SW 6	SC 8.0	S 4.0	» 6.0	6.00	—	3.0	9.0			
8	WSW 6	SW 2	S 4	S 2.0	K 5.0	SC 3.0	3.33	—	4.0	10.0			
9	SSE 3	S 6	SW 5	SK 2.0	» 6.0	S 4.0	4.00	—	2.6	6.6			
10	SE 1	SW 6	S 4	SC 3.0	KN 7.0	SK 2.0	4.00	—	2.0	6.8			
D ^a 1	SE 4.6	SW 6.2	S 4.1	SC 4.50	K 5.90	C 3.90	4.49	0.0	23.8	76.7			
11	SSE 4	E 6	SE 3	SC 4.0	K 8.0	S 6.0	6.66	—	2.9	8.9			
12	SW 2	S 6	S 1	SC 5.0	SK 4.0	SK 7.0	5.33	—	3.0	9.0			
13	calma 0	SW 4	S 2	SC 7.0	KN 7.0	SK 8.0	7.33	—	2.8	8.4			
14	calma 0	» 8	SSE 3	SC 5.0	» 9.0	N 10.0	8.00	—	1.8	4.6			
15	calma 0	NW 2	SW 3	S 1.0	SK 6.0	SK 8.0	5.90	—	0.8	2.2			
16	calma 0	SW 4	S 1	S 3.0	» 9.0	KN 9.0	7.00	—	2.9	2.2			
17	calma 0	NW 2	calma 0	S 6.0	S 7.0	S 3.0	7.00	—	1.2	3.8			
18	SE 2	W 2	calma 0	SC 7.0	SN 9.0	SK 3.0	8.33	—	2.2	6.0			
19	calma 0	» 3	SW 4	S 9.0	KN 9.0	N 10.0	9.33	—	2.8	6.1			
20	calma 0	SW 5	» 2	S 16.0	SN 5.0	SK 4.0	6.33	—	1.3	3.8			
D ^a 2	SE 8.0	SW 4.2	SW 2.0	S 5.70	K 7.30	K 7.90	7.03	0.0	21.7	55.0			
21	S 3	NW 1	SW 2	SC 2.0	K 5.0	SK 3.0	4.33	25.0	2.9	9.0			
22	calma 0	calma 0	E 4	SK 4.0	SK 5.0	KN 8.0	5.60	—	2.3	6.2			
23	E 2	NE 3	calma 0	» 9.0	» 5.0	SK 7.0	7.00	13.5	2.3	6.8			
24	calma 0	W 3	calma 0	S 3.0	KN 9.0	» 4.0	5.33	—	4.5	9.0			
25	calma 0	N 1	calma 0	SK 5.0	SK 8.0	KN 2.8	5.26	3.6	3.0	8.5			
26	calma 0	SE 1	calma 0	KN 9.0	KN 9.2	SN 4.8	7.66	—	2.2	7.4			
27	calma 0	NE 3	calma 0	SK 8.0	SK 7.0	SN 5.5	6.66	—	2.3	7.2			
28	calma 0	calma 0	calma 0	S 1.0	KN 8.0	S 1.0	3.33	—	2.5	8.5			
29	calma 0	NW 7	calma 0	S 1.0	KN 8.0	SN 6.8	5.20	—	3.7	11.0			
30	calma 0	E 1	W 1	S 5.0	SK 4.0	SK 3.0	4.00	—	2.6	8.4			
D ^a 3	S 0.5	NW 2.0	W 0.7	S 4.70	SK 6.82	K 4.34	5.44	42.1	28.8	85.0			
Mez	SE 4.3	SW 4.1	SSW 2.2	S 4.70	K 6.67	SK 5.54	5.65	42.0	24.7	216.7			